



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

**A INSTRUMENTALIDADE DO MITO PARA ESTABELEECER
O ACESSO À COMPLEXIDADE NA ERA TECNOLÓGICA**

Dissertação de Mestrado

Wilma Rocio da Costa

FLORIANÓPOLIS

2002

Wilma Rocio da Costa

**A INSTRUMENTALIDADE DO MITO PARA ESTABELEECER
O ACESSO À COMPLEXIDADE NA ERA TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, Área de concentração Mídia em Conhecimento - ênfase em Tecnologia Educacional.

Orientador: Prof. Antonio Francisco Fialho, Dr.

Florianópolis, 11 de outubro de 2002

Wilma Rocio da Costa

**A INSTRUMENTALIDADE DO MITO PARA ESTABELEECER
O ACESSO À COMPLEXIDADE NA ERA TECNOLÓGICA**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção - Área de Concentração: Mídia e Conhecimento - ênfase em Tecnologia Educacional da Universidade Federal de Santa Catarina.

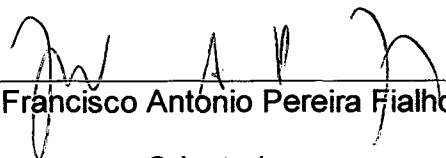
Florianópolis, 11 de outubro de 2002.



Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.

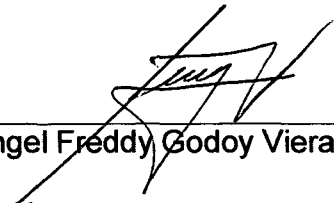
Coordenador do Curso de Pós-Graduação
em Engenharia de Produção

Banca examinadora:




Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

Orientador



Prof. Angel Freddy Godoy Viera, Dr. Eng.



Profa. Sonia Dominga Godoy Viera, Dra. Eng

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador e amigo Professor Francisco Antonio Pereira Fialho que nos fez acreditar que tudo é possível.

Aos meus familiares pelo incentivo.

Ao Colégio Bom Jesus pelo suporte financeiro proporcionado, sem o qual não teria alcançado ascendência profissional.

A banca examinadora pela tolerância e compreensão de nossas dificuldades.

A Deus por ter me dado sabedoria e persistência para atingir meus objetivos e conquistar minhas vitórias.

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	v
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização do Problema de Pesquisa	1
1.2 Objetivos	4
1.2.1 Objetivo Geral.....	4
1.2.2 Objetivos Específicos.....	4
1.3 Procedimentos Metodológicos	4
1.4 Limitações	5
1.5 Estrutura do Trabalho	5
2 EDUCAÇÃO E CULTURA	6
2.1 Trajetória das Civilizações	6
2.2 Um Rápido Olhar pela Civilização Industrial	8
3 EDUCAÇÃO E VALORES HUMANOS	19
3.1 Valores Relativos a Verdade	24
3.2 Valores Relativos a Ação Correta	27
3.3 Os valores relativos a Paz	29
3.4 Valores Relativos ao Amor	31
3.5 Valores Relativos a Não-violência	33
4 EDUCAÇÃO DIALÓGICA DE PAULO FREIRE	38
4.1 Biografia	38
4.2 O Contexto do Pensamento de Freire	39
4.3 A Proposta de Paulo Freire	41
4.4 O Método de Freire e a Tecnologia	49
5 A TECNOLOGIA EDUCACIONAL	53
5.1 Reconceitualização do Campo	58
5.2 O Mundo Mítico e a Tecnologia	64
6 METODOLOGIA - AS FUNÇÕES DOS MITOS PARA O HOMEM	69
7 REFLETINDO SOBRE OS MITOS	77
8 CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE 1 - INSTRUMENTO DE SONDAÇÃO - VALORES HUMANOS	100

RESUMO

COSTA, Wilma Rocio da. **A instrumentalidade do mito para estabelecer o acesso à complexidade na era tecnológica.** Florianópolis, 2002. 107f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento - ênfase em Tecnologia Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2002.

A presente pesquisa é um esforço no sentido de demonstrar a importância dos referenciais mitológicos para que o homem da era tecnológica tenha acesso à complexidade desse novo tempo. Um tempo que domina o espaço e requer do indivíduo uma formação voltada aos valores absolutos e relativos que constituem, sob a ótica holística, a possibilidade de resgatar sua "totalidade" para que possa contracenar com os outros indivíduos e com o mundo de forma mais humana. O trabalho, inicialmente, apresenta uma visão geral da educação e da cultura das civilizações que antecederam a época atual, define os valores humanos e enfoca a educação dialógica de Paulo Freire como um caminho para que todos os homens tenham as mesmas oportunidades de conhecimento e autoconhecimento, como fatores imprescindíveis para que a educação gere desenvolvimento. Finaliza com as funções dos mitos e reflexões analógicas entre alguns mitos do passado e as características da sociedade pós-moderna.

Palavras-chave: mitos; educação; valores humanos; era tecnológica.

ABSTRACT

COSTA, Wilma Rocio da. **A instrumentalidade do mito para estabelecer o acesso à complexidade na era tecnológica.** Florianópolis, 2002. 107f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento - ênfase em Tecnologia Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2002.

This research is an effort to demonstrate the importance of mythological references for men of technological era, to enable him to access the complexity of this time. An age that dominates space and requests from the individual a development turned either to absolute and relative values that constitute, under a holistic optics, the possibility to ransom its "totality" so he can relate to others and the world in a more humanistic way. The research introduces with a general view of education and the culture of ancient civilizations, then describes human values and finally focalizes the dialogical education of Paulo Freire as an alternative way for men to have equal opportunities of knowledge and self knowledge, as indispensable conditions for education to produce development. It concludes discussing the myth function and developing analogical reflections between some past myths and the characteristics of post-modern society.

Key-words: myths; education; human values; technological era.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do Problema de Pesquisa

O homem diferentemente dos outros animais, não nasce com suas capacidades desenvolvidas. É ao longo de sua vida, pelas relações que estabelece com os outros homens, no processo de socialização, que ele as desenvolve.

Uma das razões pelas quais isso ocorre é que o homem nasce e mantém, enquanto vive, a capacidade de aprender e de ensinar transmitindo mas também produzindo e modificando os conhecimentos e a cultura.

A educação está ligada diretamente a essa capacidade de aprender; é parte do processo de socialização que humaniza o homem, isto é, que propicia o desenvolvimento de suas capacidades. Contudo, a educação, embora ocorra em todas as sociedades, não se apresenta nelas de forma única.

O que há, de fato, são educações, porque as experiências de vida dos homens, suas necessidades e condições de trabalho, são diferentes.

Atualmente, a educação está interligada com a questão da transformação da sociedade através da globalização e da competitividade. O Brasil, além de enfrentar os antigos problemas sócio-político-educacionais (como o fracasso escolar, qualidade do ensino, competência dos professores, questões metodológicas, etc.) que muitas vezes parecem insolúveis, deve enfrentar também os competidores internacionais.

Tais competidores têm levado vantagens, devido a sua escolaridade e a educação profissional de seus trabalhadores.

Diante desse quadro educacional competitivo, é possível afirmar que o conhecimento liberta o homem do desconhecido, colocando-o em uma situação privilegiada, pois a partir do domínio do conhecimento o sujeito poderá progredir e lutar por sua independência e autonomia.

Nos tempos atuais, a detenção do conhecimento é um tipo de poder que vem sendo disputado de forma contundente pelas grandes potências mundiais. E, sendo o conhecimento um meio de poder e dominação, pode ser também qualificado como

uma arma para oprimir os mais fracos ou subdesenvolvidos. Com isso, o que se percebe é que o mundo da educação e o do trabalho estão cada vez mais interligados. Portanto, não existe mais trabalho para quem não mantém a aprendizagem como processo contínuo.

Assim, a educação será entendida como um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social global.

O poder e o saber produzidos pelas normas disciplinares são fundamentais para a organização burocrática. Em uma sociedade de instituições burocratizadas como a brasileira, o poder disciplinar se desenvolve em todo o tecido social.

A escola é uma das instituições que prepara o indivíduo para essa sociedade burocratizada, através do exercício disciplinar. O grande papel dos procedimentos disciplinares é a obtenção de uma submissão útil, principalmente, ao sistema institucional, que apenas reproduz, de forma conformista, as situações da vida. No caso da escola, muitas vezes, a disciplina se torna atividade de rotina, sem relação com o objetivo que deveria ser o principal dessa instituição: a criação e transmissão de um saber, portador de uma inquietação com a vida e de um desejo de transformá-la.

A escola vive uma situação de tensão e de conflito permanentes. Local de contraposição de idéias, trazidas por gerações diferentes, portadoras de histórias e de culturas distintas, a escola tem, nessa tensão, um elemento indispensável à criação do novo. Porém, tendo em vista que a organização social tende predominantemente à conservação da situação dominante, os desequilíbrios e tensões referidos tenderão também a permanecer e a agravar-se.

Nessa circunstância, o processo educativo só poderá desempenhar o papel de fortalecimento dos laços da sociedade, na medida em que se revelar capaz de sistematizar a tendência à inovação, solicitando deliberadamente o papel criador do homem. E isto porque, enquanto atividade inscrita no seio da organização social, ela estará marcada também pela tendência à conservação. Esse problema se agrava ainda mais, uma vez que os educadores, de um modo geral, não estão instrumentalizados para abordar o fenômeno educativo em termos do contexto que o

configura, transitando, com desenvoltura, do processo cultural em totalidade para as atividades específicas, e vice-versa.

Portanto, a educação contribuiria de uma forma ou outra, para reproduzir uma estrutura social fundamentalmente desigual. Paulo Freire parte do princípio de que a sociedade brasileira é uma sociedade dividida em classes, onde os privilégios de uns impedem a maioria de usufruir os bens produzidos. Um desses bens é a educação, da qual é excluída grande parte da população do Terceiro Mundo.

No presente trabalho, traça-se uma analogia entre o poder conferido ao homem pela educação, pelo saber; e o poder conferido ao homem quando na sua criação, o fogo lhe foi dado por Prometeu.

Trata-se aqui de uma comparação com bases mitológicas, em que o fogo – necessário para a sobrevivência do homem – será equiparado à necessidade que hoje o homem tem de educação, conhecimento, cultura e acesso às novas tecnologias.

A pesquisa busca mostrar a importância do referencial mitológico para que se possa entender os valores humanos como aspectos fundamentalmente necessários para a formação do homem na era da informação.

O problema levantado para o desenvolvimento da pesquisa pode ser, então, expresso na seguinte questão: porque se busca o referencial mitológico para encaminhar o acesso ao conhecimento na era tecnológica? Aquela necessidade de saber "como foi?" para ter alguma noção do "como vai ser?".

Será trabalhada a hipótese de que o homem está vivendo um tempo de revitalização dos mitos para resgatar sua integridade enquanto ser humano. Totalidade que não condiz com a fragmentação do conhecimento gerada pela especialização, padronização e outras características do industrialismo.

Conhecimento, aqui entendido, como a tomada de consciência de um mundo vivido pelo homem e que solicita uma atitude crítico-prática, envolvendo o mundo sensível, perceptivo, intelectual, emocional e espiritual do Ser pensante. Uma atividade que por natureza é transformadora da realidade, embora circunstâncias existam, e muitas são elas, em que o conhecimento se apresenta como uma práxis repetitiva.

Partindo dessa premissa, será analisada a proposta pedagógica de Paulo Freire, como um caminho para que "todos" os homens tenham, acesso ao "fogo", ou seja, ao "conhecimento".

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Demonstrar a importância do mito como instrumento para que o homem da era tecnológica possa construir e reconstruir o conhecimento, com vistas à transformação da sociedade, sem perder seus valores e sua integridade.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Definir mitologia e identificar suas funções.
- Levantar as causas da fragmentação do conhecimento.
- Definir os valores humanos como prática para a mudança do comportamento social.
- Apresentar a proposta de Paulo Freire para a pedagogia da autonomia.
- Redefinir Tecnologia Educacional
- Relacionar a necessidade do homem moderno de reestabelecer sua identidade, com a visão de totalidade oferecida pela mitologia e pelo *holos*.

1.3 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa, sob o ponto de vista:

- da sua natureza - é pesquisa básica;
- da forma de abordagem - é pesquisa qualitativa;
- dos procedimentos técnicos: é pesquisa bibliográfica.

1.4 Limitações

Não se pretende com essa pesquisa esgotar o assunto, nem tampouco um aprofundamento sobre mitologia. O que se busca é mostrar alguns caminhos, tendo como embasamento os referenciais mitológicos e a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, para sair das reflexões e partir para uma prática pedagógica mais justa socialmente e compatível com as necessidades que homem atual têm de educação e cultura, que poderão nortear novas metodologias, diante dos novos mitos da era tecnológica. Mitos já percebidos e outros que surgirão quando os educadores e profissionais de todas as áreas do conhecimento estiverem mais conscientes das mudanças que precisam ocorrer e mais sensíveis para identificá-los.

1.5 Estrutura do Trabalho

O trabalho será apresentado em 8 capítulos, incluindo o texto introdutório e a conclusão. O capítulo 2, intitulado Educação e Cultura aborda a trajetória das civilizações; o capítulo 3, Educação e Valores Humanos é uma síntese dos valores absolutos e relativos, classificados por Martinelli; o capítulo 4 apresenta a Educação Dialógica de Paulo Freire, o contexto de seu pensamento e as relações com a Tecnologia Educacional; no capítulo 5 discute-se a reconceitualização de Tecnologia Educacional; o capítulo 6 trata da Metodologia, da função dos mitos e no capítulo 7 os Resultados e Discussões, com o título Refletindo sobre os Mitos.

2 EDUCAÇÃO E CULTURA

2.1 Trajetória das Civilizações

Da mitologia ao holos a humanidade percorreu uma trajetória que merece, neste ponto do trabalho, ser citada para dar uma visão de conjunto, bem própria da busca da totalidade vivida hoje pelo ser humano no planeta Terra.

Segundo Toffler (1980, p.23):

Uma nova civilização está emergindo em nossas vidas e por toda a parte há cegos tentando suprimi-la. Esta nova civilização traz consigo novos estilos de família, modos de trabalhar, amar e viver diferentes; uma nova economia; novos conflitos políticos; e, além de tudo isto, igualmente uma consciência alterada. Fragmentos desta civilização já existem. Milhões de pessoas já estão sintonizando suas vidas com o ritmo de amanhã. Outros, aterrados diante do futuro, estão empenhados numa fuga inútil para o passado [...] A alvorada desta nova civilização é o fato mais explosivo das nossas vidas. É o evento central – a chave para compreender os anos imediatamente à frente. É um evento tão profundo como a Primeira Onda de mudança, desencadeada há dez mil anos pela descoberta da agricultura, ou o terremoto da Segunda Onda de mudança, provocada pela revolução industrial. Somos os filhos da transformação seguinte, a Terceira Onda. [...] A humanidade enfrenta um salto de um 'quantum' para a frente. Enfrenta a sublevação social e a reestruturação criativa mais profundas de todos os tempos. Sem o reconhecermos claramente, estamos empenhados na construção de uma notável civilização nova desde os alicerces. Este é o significado da Terceira Onda.

Na visão de Toffler (1980, p.24) a raça humana suportou duas grandes ondas de mudança, cada uma obliterando extensamente culturas ou civilizações e substituindo-as por modos de vida inconcebíveis para os que vieram antes. A Primeira foi a revolução agrícola que levou milhares de anos para acabar; a Segunda Onda foi o acesso à civilização industrial que levou apenas 300 anos. Hoje a História é ainda mais acelerativa e é provável que a Terceira Onda atravesse a História e se complemente em poucas décadas. Traz consigo um modo de vida

genuinamente novo, baseado em fontes de energia diversificadas e renováveis; em métodos de produção que tornam obsoletas as linhas de montagem das fábricas; em novas famílias não-nucleares; numa novel instituição que, conforme o autor, poderia ser chamada a "cabana eletrônica"; e em escolas e companhias do futuro, radicalmente modificadas. Desafia todas as velhas relações de poderes, os privilégios e prerrogativas das elites atuais em perigo e proporciona o "telão de fundo contra o qual se efetuarão as lutas básicas de amanhã pelo poder."

Para Toffler (1980, p.24), muita coisa nesta civilização nascente contradiz a velha tradicional civilização industrial; ao mesmo tempo é altamente tecnológica e antiindustrial. Deitará por terra as burocracias, reduzirá o papel do estado-nação e irá gerar economias semi-autônomas; exigirá governos mais simples, mais eficazes e, não obstante, mais democráticos do que qualquer um dos que se conhece atualmente. Será uma civilização com sua própria perspectiva diferente do mundo, seus próprios modos de lidar com o tempo, o espaço, a lógica e a causalidade.

(...) a civilização da Terceira Onda começará a cicatrizar a ruptura histórica entre o produtor e o consumidor, gerando a economia do 'prossumidor' de amanhã. Por esta razão, entre muitas, poderia com alguma ajuda inteligente nossa – resultar na primeira civilização verdadeiramente humana na História registrada. (TOFFLER, 1980, p.25).

O autor considera que a Primeira Onda começou por volta de 8000 a.C. e que dominou a terra sem qualquer desafio até 1650 e 1750 d.C. A partir daí, a Primeira Onda perdeu ímpeto, enquanto a Segunda Onda ganhava força. A civilização industrial dominou o planeta, até atingir a altura máxima, durante a década de 50, que viu os trabalhadores de colarinho branco e de serviços gerais excederem em número os trabalhadores de macacão. Esta mesma década viu a introdução generalizada do computador, o jato comercial, a pílula anticoncepcional e muitas outras inovações de impacto.

Foi nesta década que a Terceira Onda ganhou força primeiramente nos Estados Unidos e – em datas um pouco diferentes – em outras nações industrializadas como na Grã-Bretanha, na França, na Suécia, na Alemanha, na União Soviética e no Japão.

Hoje todas as nações de alta tecnologia oscilam sob "a colisão entre a Terceira Onda e as obsoletas economias e instituições da Segunda".

O conflito entre os agrupamentos da Segunda e da Terceira Ondas é de fato a tensão política central que rompe através da sociedade atual. A mais básica não é quem controla os últimos dias da sociedade industrial, mas quem modela a nova civilização que surgirá rapidamente para substituí-la. De um lado estão os guerrilheiros do passado industrial; do outro, crescentes milhões que reconhecem que os problemas mais urgentes do mundo – a comida, a energia, o controle das armas, a população, a pobreza, os recursos, a ecologia, o clima, os problemas da idade, o colapso da comunidade urbana, a necessidade de trabalho produtivo e compensador – não mais podem se resolvidos dentro da estrutura da ordem industrial. (TOFFLER, 1980, p.31).

2.2 Um Rápido Olhar pela Civilização Industrial

Durante os longos milênios em que a civilização agrícola reinou suprema, a população pode ser dividida em duas categorias – a "primitiva" e a "civilizada". Os chamados povos primitivos, vivendo em pequenos bandos e tribos e subsistindo de coleta, pesca e caça, foram ultrapassados pela revolução agrícola. O mundo "civilizado", em contraste, foi precisamente aquela parte do planeta em que a maior parte dos povos amanhava o solo, pois onde quer que surgisse a agricultura a civilização criava raízes. Da China e da Índia ao Benim e ao México, na Grécia e em Roma, nasceram e caíram civilizações, lutaram e se fundiram em interminável e pitoresca mistura.

Entretanto, apesar das diferenças, existiam semelhanças fundamentais, em todas essas civilizações: a terra era a base da economia, da vida, da cultura, da estrutura familiar e da política; a vida era organizada em redor da aldeia; prevalecia uma divisão simples de trabalho e surgiram algumas castas e classes claramente definidas (nobreza, sacerdócio, guerreiros, hilotas, escravos e servos); o poder era

rigidamente autoritário; o nascimento determinava a posição da pessoa na vida e a economia era descentralizada, de modo que cada comunidade produzia a maioria de todas as suas necessidades.

Durante a dominação da civilização agrícola, houve sugestões ocasionais de coisas que viriam: fábricas embrionárias de produção em massa (Grécia e Roma antigas); perfurações para extração do petróleo (em uma das ilhas gregas - 400 a.C.); vastas burocracias (Babilônia e Egito); grandes metrópoles urbanas (Ásia e América do Sul); dinheiro e câmbio; rotas comerciais; uma surpreendente precursora da máquina a vapor (Alexandria). Contudo, não houve em parte alguma algo que pudesse designar-se, uma civilização industrial.

A revolução industrial irrompeu criando uma *contracivilização* estranha, poderosa e febrilmente energética.

O industrialismo foi mais do que chaminés e linhas de montagem. Foi um sistema social rico, multiforme, que tocou todos os aspectos da vida humana e atacou todas as feições do passado [...]. Produziu a grande fábrica de Willow Run, fora de Detroit, mas também colocou o trator na fazenda, a máquina de escrever no escritório, a geladeira da cozinha. Produziu o jornal e o cinema, o trem suburbano e o DC-3. Deu-nos o cubismo e a música de 12 tons. Deu-nos edifícios Bauhaus e cadeiras de Barcelona, as greves brancas, as pílulas de vitaminas e o prolongamento da duração da vida. Universalizou o relógio de pulso e a urna eleitoral. Mais importante, interligou todas estas coisas - montou-as como uma máquina - e formou o sistema social mais poderoso, coeso e expansivo que o mundo já conheceu: a civilização da Segunda Onda. (TOFFLER, 1980, p.36).

Quando tal onda avançou através de várias sociedades provocou uma sangrenta guerra entre os defensores do passado agrícola e os partidários do futuro industrial.

A Guerra Civil não foi feita exclusivamente, como pareceu a muitos, pela questão moral da escravidão, ou *por tão acanhadas questões econômicas* como as tarifas. Foi feita por uma questão muito maior: o rico e novo continente seria governado por fazendeiros ou industrializadores? A futura sociedade americana seria basicamente agrícola ou industrial?

A mesma colisão de civilizações irrompeu igualmente em outras partes: no Japão, na Rússia e em país após país, o mesmo choque, levando a crises políticas e sublevações sociais, a greves, levantes, golpes de estado e guerras. Em meados do século XX, a era agrícola estava totalmente destruída e a civilização industrial *reinava na Terra*.

Atualmente, um cinturão industrial circunda o globo entre os paralelos 25 e 65 no Hemisfério Norte. Na América do Norte uns 250 milhões de pessoas vivem um modo de vida industrial; na Europa Ocidental, da Escandinávia para o sul da Itália, outro quarto de bilhão de seres humanos; para os lados do leste, encontra-se a região industrial "eurorussa" – a Europa Oriental e parte ocidental da União Soviética – aí, outro quarto de bilhão de pessoas vivendo suas vidas em sociedades industriais; na região asiática, compreendendo o Japão, Hong Kong, Cingapura, Formosa, Austrália, Nova Zelândia e partes da Coreia do Sul e do continente chinês, ainda outro quarto de bilhão de pessoas industriais. Ao todo, a civilização industrial abarca um bilhão de seres humanos - um quarto da população do globo.

A despeito das grandes diferenças de língua, cultura, história e política - diferenças profundas que fazem guerras por causa delas - todas estas sociedades industriais compartilham aspectos comuns e para que se possa compreender as ondas de mudança, atualmente, é necessário identificar claramente as estruturas paralelas de todas as nações industriais, pois é "justamente esta estrutura industrial que agora está sendo esfacelada". (TOFFLER, 1980, p.38).

O salto para um novo sistema de energia foi acompanhado por um gigantesco avanço tecnológico. A era industrial impeliu a tecnologia até um nível totalmente novo. Produziu grande número de gigantescas máquinas eletromecânicas, peças móveis, correias de transmissão, mangueiras, rolamentos e parafusos de porca. E essas novas máquinas fizeram mais do que aumentar o músculo bruto; a civilização deu à tecnologia órgãos sensores, criando máquinas para ouvir, ver e tocar com mais cuidado e precisão do que os seres humanos. Deu à tecnologia um útero, inventando máquinas destinadas a darem nascimento a novas máquinas em progressão infinita.

Nesta fase tecnológica, surgiu um exército de indústrias para dar o cunho definido à civilização da era industrial; a nova tecnologia acionada pelo novo sistema de energia abriu a porta para a produção em massa, para a distribuição em massa e comercialização em massa, que se tornou um componente de todas as sociedades industriais tão familiar e central como a própria máquina.

Segundo Toffler (1980, p.41) se estas mudanças forem vistas em conjunto, é uma transformação do que poderia ser chamado de "tecnosfera". Esta tecnosfera precisava de uma "sociosfera" igualmente revolucionária para acomodá-la.

Uma série de seis princípios permearam todas as atividades: a padronização, a especialização, a sincronização, a concentração, a maximização e a centralização.

O mais familiar desses princípios é a padronização. É sabido que as sociedades industriais produzem milhões de produtos idênticos.

Nas primeiras décadas do século XX, Taylor decidiu que havia uma maneira melhor (padrão) de realizar cada tarefa, uma ferramenta melhor (padrão) para executá-la com ela, e um tempo estipulado (padrão) no qual podia ser completada. Com essa filosofia, ele se tornou o primeiro guru da gerência do mundo. Foi comparado com Freud, Marx e Franklin.

As sociedades na Segunda Onda, contratando processos assim como trabalho, tornavam-se cada vez mais padronizadas: testes padronizados, escalas de pagamento padronizadas, educadores planejando currículos padronizados, testes de inteligência padronizados, normas de graduação escolar; o teste de múltipla escolha foi adotado; os veículos de massa disseminavam imagens padronizadas; a repressão das linguagens minoritárias por governos centrais, aliada com a influência das comunicações de massa, levou ao quase desaparecimento de dialetos locais e regionais ou mesmo línguas inteiras como o galês e o alsaciano.

Os pensadores progressistas, fossem quais fossem seus outros desacordos, compartilhavam a convicção de que a padronização era eficiente.

A especialização foi outro princípio da era industrial. Quanto mais a industrialização eliminava a diversidade na linguagem, no lazer e no estilo de vida,

mais precisava de diversidade na esfera do trabalho. "Acelerando a divisão do trabalho, a Segunda Onda substituiu o descuidado camponês pau-para-toda-a-obra pelo minucioso e limitado especialista e o trabalhador que só fazia uma tarefa, no estilo Taylor, interminavelmente". (TOFFLER, 1980, p.62).

Os custos humanos da especialização multiplicaram e os críticos do industrialismo afirmaram que o trabalho altamente especializado e repetitivo desumanizava o trabalhador.

Pela época em que Henry Ford começou a fabricar o Modelo T, em 1908, eram necessárias 7.882 operações diferentes para completar uma unidade. Em sua autobiografia Ford registrou que destas 7.882 tarefas especializadas, 949 exigiam 'homens fortes, fisicamente hábeis e praticamente homens perfeitos'; 3.338 tarefas precisavam de homens de força física apenas 'comum', a maioria do resto podia ser realizada por 'mulheres ou crianças crescidas' e continuava friamente, 'verificamos que 670 tarefas podiam ser preenchidas por homens sem pernas, 2.637 por homens com uma perna só, duas por homens sem braços, 715 por homens com um braço só e 10 por homens cegos'. Em suma, a tarefa especializada não exigia um homem inteiro, mas apenas uma parte. Nunca foi apresentada uma prova mais vívida de quanto a superespecialização pode ser brutalizante". (TOFFLER, 1980, p.62).

Tanto nos estados industriais capitalistas como socialistas, a especialização foi acompanhada de crescente onda de profissionalização. A educação era supostamente "produzida" pelo professor na escola e "consumida" pelo estudante.

A brecha crescente entre a produção e o consumo, forçou uma mudança na maneira de lidar com o tempo. Num sistema que depende do mercado, planejado ou livre, o tempo é dinheiro. Máquinas caras não podem ficar ociosas e operam ao seu ritmo próprio. Isto produziu o terceiro princípio da civilização industrial: a sincronização.

Até que a Segunda Onda trouxe a maquinaria e silenciou as canções do trabalhador, a maioria de tal sincronização foi orgânica e natural. Fluía do ritmo das estações e dos processos biológicos, da rotação da Terra e da batida do coração. As sociedades da Segunda Onda, em contraste, moviam-se de acordo com a batida da máquina. (TOFFLER, 1980, p.64).

Não somente a vida do trabalho era sincronizada, a vida social também era regulada pelo relógio e adaptada às exigências da máquina. *Até mesmo as mais íntimas rotinas da vida estavam encaixadas no sistema da marcha industrial.*

Surgiram especialistas em sincronização – de expedidores de fábrica e organizadores de horários à polícia de tráfego e analistas da eficiência com que cada operação industrial era efetuada.

O aparecimento do mercado gerou ainda outra regra de civilização – o princípio da concentração. A industrialização concentrou mais do que a energia, concentrou a população e até mesmo o trabalho, os fluxos de capital, gerando a companhia gigantesca e além disso, o truste ou monopólio.

A cisão da produção e do consumo criou, em todas as sociedades, um caso de "macrofilia" obsessiva – uma espécie de mania de grandeza e crescimento. "Grande" tornou-se sinônimo de "eficiente" e a maximização tornou-se o quinto princípio chave.

Finalmente, todas as nações industriais desenvolveram a centralização *até uma perfeição de pura arte.*

A centralização gradual de uma economia outrora descentralizada foi, além disso, ajudada por uma invenção crucial, cujo próprio nome revela o seu propósito: o banco central. As operações bancárias centrais e o governo centralizado marchavam de mãos dadas. A centralização era outro princípio dominador da civilização da Segunda Onda. (TOFFLER, 1980, p.72).

Para o autor, os sistemas da "segunda onda" estão em crise. Crise no sistema de bem-estar social; crise nos sistemas postais; crise nos sistemas educacionais; crise nos sistemas dos serviços sanitários; crise nos sistemas urbanos; crise nos sistemas financeiros internacionais; crise nos sistemas de valores; mesmo o sistema de funções que mantinha unida a civilização, está em crise.

Isto nós vemos o mais dramaticamente possível na luta para redefinir os papéis sexuais. No movimento das mulheres, na reclamação da legalização da homossexualidade, na difusão das modas unissex, vemos a contínua confusão das tradicionais expectativas para os sexos. Os papéis ocupacionais estão se confundindo

também. As enfermeiras e os pacientes estão igualmente redefinindo seus papéis frente aos médicos. A polícia e os professores violam os papéis que lhes são atribuídos e fazem greve ilegal. Os funcionários paraforenses redefinem o papel do advogado. Os trabalhadores estão exigindo cada vez mais participação, infringindo os papéis tradicionais da gerência. E esta pane, em toda a sociedade, da estrutura do papel do qual dependia o industrialismo é muito mais revolucionária em suas implicações do que todos os protestos e passeatas políticas francas pelas quais os redatores de manchetes medem a mudança". (TOFFLER, 1980, p.130-131).

Hoje, conforme Toffler, milhões de pessoas procuram desesperadamente suas próprias sombras, devorando filmes, peças, romances e livros ilustrativos, por mais obscuros que sejam, que prometem ajudá-las a localizar suas identidades perdidas. Nos Estados Unidos, as manifestações da personalidade são extravagantes. Suas vítimas lançam-se em terapia de grupo, misticismo, ou jogos sexuais. Anseiam por mudança, mas a mudança os amedronta. Desejam urgentemente deixar sua existência atual e saltar de algum modo para uma nova vida – para se tornarem o que não são. Querem mudar de emprego, de cônjuges, de papéis e responsabilidades.

A Associação Americana de Administração encontra numa pesquisa recente, 40% de gerentes médios que sentem-se infelizes em seus empregos, e que mais de um terço deles sonham com uma carreira alternativa na qual acham que poderiam ser mais felizes.

Muitos agem conforme o seu descontentamento. Abandonam o emprego, vão ser lavradores ou tornam-se esquiadores, procuram novos estilos de vida, voltam para a escola ou correm atrás de si mesmos, cada vez mais rápido, num círculo cada vez mais estreito e, por fim, estouram sob a pressão. Sofrem agonias desnecessárias de culpa, inconscientes de que o que estão sentindo dentro de si mesmos, *é o reflexo objetivo de uma crise objetiva muito maior.*

Podemos persistir em olhar cada uma destas crises como um evento isolado. Podemos por de parte as conexões entre a crise de energia e a crise de personalidade, entre novas tecnologias e novos papéis sexuais, e inter-relações

ocultas como estas. Mas fazemos isto com risco nosso. Pois o que está acontecendo é maior do que qualquer dessas coisas. Uma vez que tenhamos pensado em termos de ondas sucessivas de mudança correlata, da colisão destas ondas, captamos o fato essencial da nossa geração – que o industrialismo está morrendo – e podemos começar a procurar entre os sinais de mudança pelo que é verdadeiramente novo, o que não é mais industrial. Podemos identificar a Terceira Onda. [...] que modelará o resto de nossa vida. [...] se olharmos atentamente em redor, encontraremos, entrecruzando as manifestações de fracasso e colapso, os primeiros sinais de crescimento e novo potencial. (TÓFFLER, 1980, p.132).

Há algumas décadas surgiu um movimento ambiental universal em resposta a mudanças potencialmente perigosas na biosfera da Terra. Tal movimento tem feito mais do que atacar a poluição, os aditivos da comida, os reatores nucleares, as rodovias, etc. Forçou a humanidade a pensar de novo em sua dependência da natureza. Como consequência desse repensar, em vez de se conceber empenhada numa luta sangrenta com a natureza, os homens estão voltados para uma nova concepção que acentua a simbiose ou a harmonia com a Terra.

Milhões de estudos científicos têm visado a compreensão das relações ecológicas com a finalidade de amortecer os impactos com a natureza ou a canalizá-los de maneiras construtivas. Ou seja, apreciando a complexidade e o dinamismo dessas relações e reconceituando a própria sociedade em termos de reciclagem, renovabilidade e a capacidade de alimentar sistemas naturais.

Os habitantes das cidades anseiam pelo campo e pesquisas do Urban Land Institute acusam uma significativa transferência de população para as áreas rurais. O interesse por alimentos naturais, a nascimento natural, a amamentação ao seio, os biorritmos ou o cuidado com o corpo aumentaram nos anos recentes.

O poder de danificar a natureza cresceu muito e a Terra agora é muito mais frágil do que era considerada na era industrial. Os cientistas desenvolveram toda uma bateria de novos instrumentos para sondar as regiões mais distantes. "A simples escala da natureza explorável explodiu para lá das pressuposições mais

fantásticas de ontem". Além disso, nesta vastidão, dizem que a Terra pode não ser a única esfera habitável.

O astrônomo Otto Struve, citado por Toffler (1980, p.290) diz:

(...) a vastidão de estrelas que devem possuir planetas, as conclusões de muitos biólogos de que a vida é uma propriedade inerente a certos tipos de moléculas complicadas ou agregados de moléculas, a uniformidade dos elementos químicos através do universo, a luz e o calor emitidos por estrelas de tipo solar e a ocorrência de água não só na Terra, mas também em Vênus e Marte, compelem-nos a revisarmos o nosso pensamento" e considerar a possibilidade de vida extraterrestre.

Watson e Crick desvendaram a estrutura do ADN (1953), o Dr. Arthur Kornberg descobriu como o ADN se reproduz. Desde então, a seqüência é descrita:

Deciframos o código do ADN... Descobrimos como o ADN transmite suas instruções à célula... Analisamos os cromossomos para determinar a função genética... Sintetizamos uma célula... Fundimos células de duas espécies diferentes... Isolamos genes humanos puros... Mapeamos genes... Sintetizamos um gene... Mudamos a hereditariedade de uma célula."

Hoje, engenheiros genéticos em laboratórios de todo o mundo são capazes de criar formas de vida inteiramente novas. São capazes de escapar à própria evolução.

Os pensadores cartesianos acentuavam a análise de componentes às expensas do contexto, ao passo que os pensadores de sistemas acentuam um olhar à totalidade, ou seja, um olhar não fragmentário aos problemas.

A revolta contra a rígida sobre-especialização também recebeu um impulso das campanhas ambientais, quando os ecologistas descobriram cada vez mais a "teia" da natureza, a correlação das espécies, a inteireza dos ecossistemas. Para eles o importante é equilibrar o todo.

A abordagem ecológica e a abordagem dos sistemas sobrepunham e partilhavam o mesmo arranco na direção da síntese e a integração do conhecimento. Nas universidades, entretentes, cada vez mais reclamos eram ouvidos por pensamento interdisciplinar. Enquanto barreiras seccionais ainda bloqueiam o cruzamento

fertilizador de idéias e a integração de informação na maioria das universidades, a reclamação deste trabalho inter ou multidisciplinar está hoje tão defendida que tem quase uma qualidade ritualista.

Estas mudanças na vida intelectual, refletiram-se alhures igualmente na cultura. As religiões orientais, por exemplo, tinham há muito tempo um fio de seguidores entre as classes médias européias, mas foi só quando a desintegração da sociedade industrial começou realmente que milhares de jovens ocidentais começaram os exaltar os swamis indianos, a apinhar o Astródromo para ouvir um guru de 16 anos, a ouvir ragas, a abrir restaurantes vegetarianos estilo hindu e a dançar pela Quinta Avenida abaixo. O mundo, entoaram eles subitamente, não foi despedaçado em lascas cartesianas: era uma unidade. (TOFFLER, 1980, p.300-301).

No campo da saúde mental, os psicoterapeutas procuravam meios de curar a "pessoa toda", empregando terapia gestáltica para aumentar o potencial humano através da integração da consciência, as percepções e as relações sensoriais do indivíduo com o mundo exterior.

Em medicina, um movimento "holístico" surgiu com base na idéia de que o bem-estar do indivíduo depende de uma integração do físico, do espiritual e do mental. Tem havido uma *'verdadeira explosão de interesse em métodos e sistemas alternativos de cura, todos os quais se colocam sob o nome de saúde holística'*.

Com tanta atividade, em tantos níveis diferentes, o termo "totalismo" e "holismo" entraram na linguagem popular.

Um perito do Banco Mundial reclama 'uma compreensão holística de...abrigo urbano'. Um grupo de pesquisa no Congresso dos Estados Unidos exige estudos 'holísticos' de grande alcance. Um perito em currículo reclama o emprego de 'leitura e avaliação holística' no ensino das crianças a escrever. E um instituto de beleza de Beverly oferece 'exercício holístico'. (TOFFLER, 1980, p.301).

Todos esses movimentos, embora diferentes, têm um elemento comum, representam um ataque à suposição de que o todo pode ser compreendido pelo estudo das partes em isolamento. Toffler cita o filósofo Ervin Laszlo, um importante

teorista de sistemas que diz: "nós somos parte de um sistema interligado da natureza e, a não ser que generalizadores informados resolvam desenvolver teorias sistemáticas dos padrões de interligação, nossos projetos de curto alcance e poderes limitados de controle podem levar-nos à nossa própria destruição."

Críticos ponderados procuram equilibrar as habilidades analíticas e de síntese. Ou seja, não é necessário abandonar a ciência reducionista, mas chegou o momento de dar igual apoio a estudos de "sistemas integrados de grande escala". Tomados juntos, teoria de sistemas, ecologia e a ênfase generalizada no pensamento holístico, são parte do ataque cultural às premissas intelectuais da civilização industrial.

3 EDUCAÇÃO E VALORES HUMANOS

Para D'Ambrosio a Educação, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, passa por uma grande crise de obsolescência, uma crise de não saber acompanhar a evolução deste mundo.

Se mantém ainda naquele estilo velho, com aquele paradigma, que se estabeleceu no tempo de Newton, segundo o qual para aprender é necessário que se seja ensinado e que o ensino tem como consequência aprendizagem. E esse paradigma, que coloca ensino ocasionando aprendizagem é obviamente alguma coisa que está superada. (D'AMBROSIO, 1997, p.09).

O autor entende que a aprendizagem se dá de muitas formas e não somente em consequência direta do ensino, e que, igualmente, o ensino se faz de muitas formas e não daquele estilo tradicional "professor e aluno", "um expositor e aquele que está assistindo", mas atinge dimensões incríveis, dada a multiplicidade de meios disponíveis na atualidade, não para substituir o professor.

Ao professor é reservada alguma coisa mais nobre. Ao professor é reservado o papel de dialogar, de entrar no novo junto com o aluno. É nesse sentido que podemos dizer que estamos entrando numa nova era da Educação. [...] uma nova era da consciência. [...] a busca de uma nova ética. [...] a ética está no domínio do emocional. Nós estamos desenvolvendo a nossa ciência exclusivamente no domínio do racional. O sistema que a gente tem é insustentável. O capitalismo está em agonia [...] mas se está falando na tal economia do conhecimento. [...] saber hoje vale muito mais que antes. (D'AMBROSIO, 1997, p.29).

Hoje, alguns programas da TV a cabo são uma popularização daquilo que já se sabia pelos livros, pelas pesquisas dos antropólogos. Todo mundo está sabendo que outros *conhecem* de outra maneira. E isso vai penetrando na percepção dos indivíduos: que o *conhecimento* é mais do que aquilo que é ensinado nos livros na escola, que existe um conhecimento latente que não é divulgável. Nesse momento é que se começa a ter a chamada visão holística e começa a surgir a percepção de que é necessário entender o homem na sua integralidade.

(...) o homem está sedento de conhecimento, de fé e de experiências espirituais. Está em busca das nascentes, dos mananciais de sabedoria. E, ao chegar à encruzilhada do processo de civilização, precisa encontrar seu rumo e direcionar seu destino. Para isso, deve encarar e avaliar seus erros e realizações. Para pôr em prática uma mudança do comportamento social, faz-se necessária uma renovação da compreensão do homem, do mundo e das ciências exatas e humanas, não apenas intelectualmente, mas pela transformação interior, cujo efeito atinja o âmago do ser e se manifeste conscientemente por suas ações. A educação tem papel fundamental nessa transição, já que pode trazer uma nova compreensão da natureza humana, do mundo e da própria existência. (MARTINELLI, 1996, p.9).

Segundo Martinelli (1996, p.9-10), os sistemas educacionais dissociaram o aspecto material do espiritual, fragmentando o conhecimento, comprometendo o desenvolvimento integrado da personalidade dos alunos, inibindo a criatividade e o sentido de percepção superior, negligenciando, enfim, a função básica da educação como formadora de caracteres, que é o aspecto fundamental das propostas educacionais que têm como finalidade sintonizar-se com as reais aspirações do ser humano.

Para a autora, "[...] a restauração da unidade e da integração do conhecimento só ocorrerá quando os valores morais e espirituais voltarem a fazer parte da educação e preparação de indivíduos com elevado padrão de dignidade e grandeza de objetivos."

As qualidades e aspectos da personalidade humana não podem ser tratados superficialmente se a humanidade quiser se adequar ao atual estágio da civilização.

O essencial para a descoberta do ser cósmico e do comportamento holístico é o equilíbrio entre o cultivo da inteligência e a purificação dos impulsos emocionais e entre as disciplinas físicas e mentais. A educação deve incentivar o aspecto intuitivo-espiritual e privilegiar o auto-conhecimento, para que o indivíduo, de posse de sua identidade verdadeira, alcance a autonomia.

Antes de tratar da educação dialógica, com base nos estudos de Paulo Freire, é importante discorrer sobre os valores humanos, privilegiados na Mitologia, que representam os fundamentos morais e espirituais da consciência humana, e que precisam ser resgatados hoje, mais do que em qualquer outro tempo.

Para o grupo I de educadores da Fundação Peirópolis (MARTINELLI, 1996, p.4), a disciplina filosófica que estuda os valores é a axiologia, a crítica dos valores.

O homem, pela sua configuração mental ou espiritual, não vive mergulhado num mundo tão-só de coisas materiais, como ocorre com os animais, mas num ambiente de valores, símbolos e sinais. Diante disso, é necessário uma exata compreensão dos valores.

Nietzche deu status filosófico aos valores, mas foi Max Scheler quem atuou no campo da pesquisa dos valores, na descrição dos fenômenos ou das essências puras que ocorrem na consciência. Por meio dessa exploração, Scheler concluiu que os valores pertencem a uma esfera que não se confunde com a do ser, pois possuem uma peculiaridade irreduzível. São percebidos não por uma introspecção simples, mas por uma instituição emocional. [...] Deve-se englobar na designação de valores a honra, o dinheiro, o zelo, o dever, o direito, etc., pois todos são valores e, por conseguinte, sua definição deve ser de tal ordem que convenha a essas categorias axiológicas. Em conseqüência, é comum conceituar valor, primeiramente, como uma não-indiferença de alguma coisa com um sujeito ou uma consciência motivada."

A causa dos conflitos que afligem a humanidade está na negação dos valores como suporte e inspiração para o desenvolvimento integral do potencial individual e conseqüentemente do potencial social. Não é possível encontrar o propósito da vida sem esses valores que estão registrados no ser profundo, ainda que adormecidos na mente e latentes na consciência do indivíduo. Os valores são a reserva moral e espiritual reconhecida da condição humana. (MARTINELLI, 1996, p.15).

Diferentemente do 'princípio', que é "[...] a causa primeira, momento em que alguma coisa tem origem [...]" e é universal, o valor é "[...] qualidade do que tem força [...]" e depende do lugar e da época. (BUENO, 1898, p.906-1178).

No dinamismo histórico, os valores permaneceram inalteráveis como herança divina em cada ser, apontando sempre na direção da evolução pelo auto-conhecimento.

Nesse grandioso drama humano, criado por nossos erros e acertos, os valores abrem espaço e trazem inovações essenciais para a sobrevivência da espécie e o cumprimento do papel do ser humano na criação. Vivemos tempos críticos, violentos

e desesperados, isso acontece devido ao fato de grande parte da humanidade ter esquecido seus valores e tê-los considerado até ultrapassados e desinteressantes. (MARTINELLI, 1996, p.15).

A autora classifica os valores em: valores absolutos que correspondem aos aspectos da personalidade e valores relativos ou subvalores.

Os valores absolutos são: a verdade (aspecto intelectual), a ação correta (aspecto físico), o amor (aspecto psíquico), a paz (aspecto mental) e a não-violência (aspecto espiritual).

A verdade é o princípio da vida, o imperecível dentro das coisas perecíveis; é a essência por trás de todas as formas de vida; a energia divina que impregna toda a existência. A verdade é um valor humano porque só a espécie humana pode encontrá-la e vivenciá-la

"A verdade dirige a conduta do homem autêntico; é o que dá significado e dignidade à vida. Ser verdadeiro é uma conquista da mente pela reta intenção de auto-realização". (MARTINELLI, 1996, p.18).

A verdade relativa é percebida através dos sentidos físicos, é representada pelo que se vê, se sente e sobre a qual é possível fazer uma julgamento. Varia, portanto, de acordo com as experiências de cada indivíduo.

O aspecto físico é o veículo da ação que permite a manifestação concreta da consciência. A ação correta surge do aprimoramento do caráter pela busca contínua de si mesmo. Agir corretamente é ouvir a voz interna que contribui para o crescimento da criatividade e do talento em busca do auto-conhecimento e do bem comum.

O amor é a energia inesgotável que move o mundo, os universos e os seres. É a força da criação, coesão e sustentação da vida. O amor é a energia de unidade e transformação. O ser humano vive num universo dual entre os pares de opostos e a relatividade; o amor é o impulso da integração. Tais polaridades se expressam na luta entre o amor e o medo, seu oponente, ou seja, a expansão e a restrição do ser, respectivamente. A eliminação consciente do medo, liberta o ser humano do

egocentrismo, e o amor preenche os espaços internos, assumindo as rédeas da vida. Sob o domínio do medo, o indivíduo está sujeito ao dualismo do mundo e da ilusão das coisas inconscientes e passageira, que o fazem sofrer pela sua própria condição de transitoriedade. O amor revela o ser profundo, sagrado, transcendental e sublime.

A eliminação da desordem interior causada pelas emoções, em ondas sucessivas e pela formação incessante de pensamentos e desejos, permite a experiência da paz, onde se processam as transformações profundas da personalidade do indivíduo. A interiorização aprimora a consciência. Na mente nascem as idéias, os pensamentos tomam formas e os desejos tornam-se emoções.

A emoção disciplinada é o ponto de ligação entre a personalidade e o espírito; desordenada, tende a criar pensamentos e dúvidas que corroem a paz interior. O repouso mental é tão importante quanto o repouso físico; a meditação tem por finalidade permitir que a mente obedeça a vontade para esvaziar o falso ego.

A paz é um valor humano porque só a espécie humana pode domar as paixões e tendência inferiores, redirecionar sua vida e adquirir equanimidade e bem-aventurança.

A não-violência é a mais elevada conquista da personalidade humana.

O ser humano que conquistou a si mesmo é manso de coração, incapaz de ferir algo ou alguém, por pensamentos, palavras ou atitudes. [...] Atingiremos a não-violência e o amor altruísta pela conquista das nossas tendências inferiores com o cultivo das virtudes. Respeitar as leis naturais, os seres e coisas criadas com humildade e sabedoria é vivenciar a não-violência como valor absoluto. A vida se nutre da vida, mas o ser humano pode atingir a grandeza de saber que é possível subsistir sem infligir danos desnecessários às outras formas de vida. (MARTINELLI, 1996, p.19).

Segundo a autora, a cada valor absoluto correspondem valores relativos que devem ser assimilados, ressaltados e praticados no cotidiano. O gênero humano está vivendo aflições e crises político-econômicas, rivalidades religiosas, raciais e de classes sociais, o que reflete desequilíbrio e contradição. As lideranças político-

sociais, formadas e educadas num sistema educacional que prioriza a competição e o sucesso econômico, relegam os valores humanos a importância secundária.

"A razão de colocar definições, posicionamentos e sentimentos pessoais em cada um dos valores relativos é comungar com aqueles que começam a se deter mais profundamente nos próprios valores e descobrir seus sentimentos e conceitos pela vivência, percebendo as mudanças extremamente benéficas que ocorrem em suas atividades profissionais e nos relacionamentos humanos, assim como no trato com as emoções. O que nos interessa ao expor essas definições é ajudar na observação das conexões internas que se estabelecem e na reformulação de opiniões e comportamentos, assim como nas suas conseqüentes aberturas conjunturais. A vivência dos valores aqui enfocados reintroduz na corrente cultural dominante um interesse renovado pelo auto-conhecimento e pela espiritualidade. (MARTINELLI, 1996, p.25).

3.1 Valores Relativos a Verdade

- Discernimento - é a utilização, pelo homem, da inteligência e do poder discriminatório do que é certo ou errado para tomar uma posição perante uma circunstância ou fato, de acordo com a sua consciência.
- Interesse pelo conhecimento - ter sede de saber sobre o mundo objetivo, visível, agrada aos sentidos e fascina a mente. Esse anseio pelo conhecimento ultrapassa o limite dos sentidos e provoca o rompimento da inércia e do comodismo, condição indispensável para vencer a ignorância e ampliar as possibilidades de experimentar os diversos aspectos da existência.
- Auto-análise - é a procura honesta e corajosa da verdade pela observação dos mecanismos internos, com o reconhecimento de defeitos e qualidades; a única forma de encontrar meios de superação das falhas e de otimização das virtudes e talentos.
- Espírito de Pesquisa - pesquisar interna e externamente traz a revelação de que a causa de todo o sofrimento é a falta de conhecimento da verdade, e isso proporciona meios de preencher essa falta.

- Perspicácia - a perspicácia emerge espontaneamente do potencial intuitivo; permite ver e sentir além do que é expressado, o que jaz por trás das aparências. Apreende o sentido das coisas e situações com a captação de seus significados e contradições, filtrando-as e avaliando-as. É a combinação da revelação intuitiva com a percepção intelectual.
- Atenção - para que se possa ter a experiência real das oportunidades de aprendizado e crescimento, é preciso estar por inteiro em tudo o que observar, sentir, escutar, dizer ou fazer. A falta de atenção é terreno propício para o erro, a injustiça e toda sorte de desperdício.
- Reflexão - refletir é conversar consigo mesmo, formando pensamentos vivos e ensaiando ações para a concretização de idéias; é treinar o intelecto para o raciocínio abstrato, a fim de descortinar horizontes além do tangível, para encontrar revelações íntimas com significado impossível de ser alcançado apenas pelo raciocínio lógico.
- Sinceridade - uma mente impulsionada pela verdade, um intelecto sem mesquinhasias predispõe o indivíduo a obedecer aos ditames da consciência. A falta de sinceridade revela um caráter frágil e subordina o homem a uma sucessão de ilusões, gerando uma energia desgastante.
- Otimismo - é a convicção do poder de transformação e de criatividade; nasce da confiança em si mesmo; mostra a capacidade de refazer a si mesmo e estimula a força transformadora.
- Honestidade - a honestidade liberta o ser humano dos disfarces, das inseguranças, dos embustes e ardis, que podem cultivar-lhe o medo de não ser aceito por desconhecer seus talentos e capacidades. A honestidade nutre o caráter reto, mesmo diante das tentações mais sedutoras - é qualificação indispensável para a auto-realização.
- Exatidão - expressar-se com exatidão reflete segurança, firmeza, conhecimento e poder de síntese. Quando o homem obriga a mente a enfatizar seu

aspecto de tela em que projeta as imagens conforme sua capacidade de vê-las, evita a ambigüidade, que é fruto da incerteza e da insegurança. O indivíduo que se orienta pela consciência e centraliza o pensamento em seus ideais, sempre comprometido com a verdade, expressa suas intenções e conceitos de forma límpida e concisa.

- Coerência - é a harmonia entre pensamentos, palavras e ações. As atitudes e posicionamentos do indivíduo estarão sempre sujeitos às necessidades e circunstâncias, mas a harmonia interior impedirá qualquer mudança essencial da coerência.
- Imparcialidade - o egoísmo fraciona a visão da verdade. As emoções desordenadas provocam oscilações de humor, o que impede o indivíduo de raciocinar, enxergar e compreender as coisas sem sectarismos. Ser imparcial é superar predileções e aversões.
- Sentido de realidade - a verdade tem de ser conquistada e o sentimento real das coisas surge da percepção da energia cósmica que permeia tudo e todos permanentemente. É necessário aceitar os aspectos ilimitados da realidade espiritual sem excluir a realidade palpável e mensurável como veículo para maiores descobertas e percepção dos diversos níveis de compreensão da verdade.
- Lealdade - é um exercício de doação e crença, a uma causa ou pessoa; só pode ser leal aquele que é verdadeiro consigo mesmo.
- Justiça - o meio mais correto de ser justo é estabelecer a diferença entre o legal e o justo pela ampla análise dos diversos aspectos de uma questão, sem preconceitos ou raciocínio viciado. Para julgar algo ou alguém, o ser humano precisa estar ciente de que é falível e aprendiz de si mesmo, portanto, que age de acordo com o nível de seu autoconhecimento. O respeito aos direitos, às obrigações do ser social e aos valores humanos promove harmonia e justiça.

- Liderança - o verdadeiro líder incorpora os anseios do grupo e o conduz com humildade e lucidez, agindo acima dos interesses pessoais, sem auto-exaltação e sem contaminar-se pela necessidade de domínio e mando.
- Humildade - é uma conquista interior e não uma atitude externa que causa efeito impactante sobre as pessoas. Só se manifesta quando o orgulho é vencido, transformando o conhecimento em sabedoria. A humildade revela a natureza superior do homem. Permite superar mais facilmente os assaltos da vaidade e da pretensão.

3.2 Valores Relativos a Ação Correta

- Dever - o dever primordial do ser humano é saber quem é verdadeiramente. Aprimorando o intelecto e a observação interior, o indivíduo traz à tona a consciência de sua energia espiritual como força motriz e fonte inspiradora. O equilíbrio entre a matéria e o espírito torna-o mais capacitado a desempenhar o seu dever, conectado com a ação cósmica, oferecendo seus talentos para o bem-estar da família e da comunidade.
- Responsabilidade - é responder pelas próprias palavras e ações e pelo que lhe foi confiado.
- Ética - a evolução equilibrada da civilização depende dos princípios morais e espirituais integrados na sociedade, pelo comportamento coerente diante das atividades e dos relacionamentos humanos. A ação só é útil se estiver aliada com a sabedoria e aos valores humanos, senão, perde-se em ativismo cego e inseqüente. Agir com ética é por em prática o que se tem de melhor para enriquecer a vida e a sociedade.
- Vida salutar - o que definirá os hábitos e a higidez do corpo e da mente do indivíduo, é a seleção dos alimentos, dos ambientes e das pessoas com quem convive. O corpo é indispensável como veículo e a mente deve ser o instrumento para a penetração mais elevada da consciência.

- Iniciativa - ter iniciativa é entrar no fluxo da energia regeneradora da vida, dando ao homem a certeza de estar sendo útil. Quando rompe com as barreiras do medo, o indivíduo sai da inércia conformista. O medo imobiliza e atrasa a evolução. Com medo de enfrentar a si próprio e a vida, o homem costuma culpar pessoas ou circunstâncias pela falta de iniciativa.
- Perseverança - possibilita o autoconhecimento. Quando o ser humano define propósitos positivos, sua consciência aponta a direção e os meios para atingi-los.
- Respeito - só o ser humano sente respeito: por si mesmo, pelos outros, pela natureza e pelo sagrado. Respeitando o próprio estágio de evolução e os dos outros, acha-se o ponto de contato e não a linha de separação. É preciso respeitar a privacidade e a individualidade alheias sem julgamentos impulsivos.
- Esforço - pode-se sentir a importância de algo pelo esforço despendido para conquistá-lo. Para a expansão da consciência e o aprimoramento do caráter é preciso esforço no sentido de vencer os apelos do psiquismo interior. Esforçar-se é comprometer-se com a vontade na busca de um objetivo.
- Simplicidade - viver simplesmente é deixar fluir a orientação da consciência sem medo ou privação da liberdade de sentir a existência.
- Amabilidade - o medo, o egoísmo e o orgulho erguem barreiras contra a vida e as pessoas, o que resulta em ações agressivas, idéias perniciosas e imagens mentais de constante autodefesa. A amabilidade dispensa bajulações e a necessidade de ser aceito, porque o amor guia as palavras e as ações espontaneamente.
- Bondade - é a inspiração do ato amoroso sem a expectativa de recompensas. É importante enxergar o bem e as qualidades em si e nos semelhantes, comungando o lado positivo da vida.
- Disciplina - para obter êxitos materiais e espirituais, é necessário disciplinar as energias e os impulsos. As emoções desenfreadas e indisciplinadas não dão sentido à vida, dificultam a definição de prioridades. A disciplina física e mental

equilibra emoções, elimina a confusão e a profusão de pensamentos estéreis que desgastam e impedem a visão clara dos objetivos.

- Limpeza - a limpeza do corpo renova energias, reanima e conserva a saúde. A limpeza da mente e do coração, eliminando perspectivas equivocadas, preconceitos e crenças dogmáticas, sentimentos inferiores e egoístas, é fundamental para o florescimento de pensamentos e atitudes boas, saudáveis, moralmente harmoniosas e amorosas.
- Ordem - tudo o que existe obedece a uma ordem, que é o princípio ordenador, a força que propicia a criação, manutenção e expansão da vida.
- Coragem - coragem não é temeridade ou demonstração de força bruta. O corajoso enfrenta os obstáculos internos e externos sem vacilações, inseguranças ou receios, movido pela força do seu caráter.
- Integridade - todo o ser humano tem polaridades; supera-se a dualidade pela integração com a essência interior.
- Dignidade - o respeito por si mesmo, pelo semelhante e pela vida engrandece e dignifica o homem. O homem digno é merecedor da condição humana. Espalha segurança, harmonia e admiração; cumpre seu papel na criação, consciente dele e livre de temores, inseguranças e ardis.
- Servir ao próximo - desperta a humildade latente, a ação amorosa, alicerça os demais valores e fortalece o caráter. Servir ao próximo sem sentimentalismo, nas movido pelo amor incondicional.
- Prudência - ser prudente é ater-se às coisas e fatos, examinar possibilidades e conseqüências antes de manifestar um pensamento, uma intenção ou empreender uma ação.

3.3 Os valores relativos a Paz

- Silêncio interior - a paz e a alegria estão no reino interior. Dirigir a mente para dentro é exercício eficiente para conhecer as causas do sofrimento, ou seja, a prioridade que se dá à forma externa e o percurso do caminho das

aparências. Para reverter esse quadro é preciso esvaziar a mente de pensamentos e desejos, entrar no silêncio interior e deixar fluir a energia da força alquímica que transmutará inquietações em paz.

- Calma - a mente é devastada por pensamentos egoístas, críticas, ressentimentos e ansiedade. Observando-se atentamente as causas que provocam a desestabilização, vê-se que a confusão está apenas na superfície da mente. Mergulhando mais fundo, encontra-se a calma necessária para descobrir respostas e soluções para os problemas. A calma traz serenidade na avaliação.
- Contentamento - modelos pré-fabricados de felicidade e realização, alimentam ideais e desejos egoístas e ilusórios. Conhecer as razões do descontentamento pela auto-indagação, muitas vezes mostra que o indivíduo está superestimando coisas e problemas. Ouvir a consciência, ou seja, aplicar os instintos e o intelecto corretamente, leva a sentir a relatividade das coisas e o contentamento se estabelece naturalmente.
- Tranqüilidade - fortalecer a verdadeira imagem das pessoas e das coisas é o caminho para conquistar a tranqüilidade. A eqüanimidade diante da alegria ou do sofrimento, do sucesso ou do fracasso, é a marca do ser humano auto-realizado.
- Paciência - a paciência brota do amadurecimento do caráter e da clarificação da mente. A paciência consigo mesmo reflete-se na paciência com os semelhantes e com a vida.
- Autocontrole - o autocontrole do ser humano constitui um elemento importante para vencer suas tendências inferiores, atingir suas qualidades e prepará-lo para viver melhor. Só o homem pode ser senhor de si, pelo conhecimento e aprimoramento de todos os níveis da sua personalidade e da sua consciência.

- Tolerância - a falta de tolerância restringe o âmbito de oportunidades de aprendizagem. A tolerância é um valor humano que ajuda a ver tudo e todos com serenidade.
- Concentração - a concentração da mente em determinado ponto leva à compreensão e a vivências mais profundas e abrangentes do objeto da atenção. A concentração de esforços no trabalho, na busca do autoconhecimento e da auto-realização deve fazer parte de todos os momentos da vida.
- Auto-aceitação - o medo do autoconhecimento impede a auto-aceitação. Auto-aceitação é fruto da coragem de vencer a letargia da ignorância e viver sem culpa, rompendo as limitações. Saber dos próprios dons, é colocá-los à disposição do engrandecimento do todo, com auto-aceitação e confiança.
- Auto-estima - a ausência da auto-estima deprecia o indivíduo, que, assim, desconsidera as oportunidades que a vida lhe apresenta e se sente rejeitado, entediado e excluído.
- Desprendimento - o desapego é o relacionamento altruísta com tudo e com todos. O apego às convenções sociais, aos preconceitos, às coisas materiais, submete o ser humano a banalidades, reduz o amor e o torna mesquinho. Sem desprendimento, não há transformação, pois o apego entorpece.
- Autoconfiança - a autoconfiança é a energia que anima e assegura a vitória, estimula a seguir a vocação evolutiva natural, combater interna e externamente, sempre em nome da verdade, atentos para não ser traídos pela natureza inferior ilusória e estacionária.

3.4 Valores Relativos ao Amor

- Dedicção - é a atitude natural inspirada pelo amor puro por alguém, por uma causa ou atividade. A dedicação, em qualquer empreendimento, fortalece o poder de realização. Sem ela, não há progresso cultural, material ou espiritual.

- Amizade - o intercâmbio honesto e leal de experiências fortalece a amizade. A amizade nasce por sincronia de energias, não importam as atividades ou os objetivos das pessoas. A compreensão das dificuldades, o apoio na dor e na alegria, a crítica terna e objetiva e o reconhecimento de talentos e qualidades dos outros é o procedimento de quem nutre amizade verdadeira; caso contrário, reduzem-se a ligação e o relacionamento amoroso a atitudes convencionais de comportamento. Amizade é um sentimento doce e profundo que une fraternalmente as almas, criando confiança e equilíbrio.
- Generosidade - a colaboração é a mais bela forma de generosidade. A generosidade implica discernimento; deve ser condizente com a necessidade e capacidade de recepção do semelhante para que não haja interferência em seu processo de crescimento.
- Devoção - a devoção reconstrói fundamentos morais e amorosos. Devoção é o sentimento vivo do amor; por isso, ela vibra e se expressa pelo amor consagrando tudo o que se faz.
- Simpatia - o ser humano é simpático por comunicação energética. Tal energia desfaz a indiferença, aproxima as criaturas e constrói elos de ligação amorosa entre as pessoas. Simpatia é o reflexo da liberação homogênea da energia.
- Gratidão - só aquele que venceu o orgulho e as pretensões alcança o terno e alentador sentimento de gratidão. Caso contrário, o benfeitor torna-se uma presença incômoda e o beneficiado, em lugar da gratidão, confronta-se com a sensação de dívida e a obrigação de retribuir o benefício.
- Caridade - a caridade é movida pelo sentimento de pertencer à família humana, consciente de que cada experiência se encaixa no grande esquema da vida.
- Perdão - o perdão liberta da mágoa e do ressentimento, que, na realidade, são subprodutos do orgulho. A vaidade do ego endurecido é o maior empecilho para o perdão. Aquele que não perdoa desenvolve raciocínio e

sentimentos duros e inflexíveis como o desejo de vingança. Perdoar a si próprio ajuda a perdoar os outros.

- **Compaixão** - o cultivo das virtudes resulta em compaixão. Ser compassivo é sentir o outro, e recebê-lo sem restrições. Não significa assumir o seu problema ou a sua dor, mas compartilhá-los amorosamente, procurando soluções para as aflições com lucidez, sem permitir que a emoção tolde a capacidade de raciocinar.
- **Compreensão** - compreender é entender com a mente e com o coração. Compreender não é concordar. Aceitar as razões que levaram alguém a agir de determinada maneira é sair de dentro de si sem preconceitos e aceitar os limites de cada um.
- **Igualdade** - o ser humano está contido e contém toda a criação. A igualdade de direitos, obrigações e oportunidades estabelecida na sociedade é básica para o progresso do homem em todos os níveis da personalidade.
- **Alegria** - a alegria independe de prazeres sensoriais, aquisições materiais ou condicionamento exterior. Alegria é o estado natural do ser humano e só desaparece quando eclipsada pela falta de autoconhecimento e pela ausência de amorosidade.
- **Espírito de sacrifício** - o espírito de serviço e sacrifício é qualidade básica para vencer as tendências da banalização da vida e supera as características da natureza animal. A renúncia a algo para dar um sentido mais nobre e amplo à vida proporciona mais alegria do que um prazer efêmero, por mais intenso que pareça.

3.5 Valores Relativos a Não-violência

- **Cooperação** - é fazer junto, trabalhar em comum. A cooperação fortalece o espírito de grupo e enfraquece a competição e a necessidade de ganhar –

mostra que o outro não é adversário, mas companheiro. O reconhecimento da importância de cada um no todo abre a mente e coração para o conjunto e faz com que cada um ofereça seus talentos para o bem comum. A cooperação apara as arestas da vaidade e do orgulho auto-suficiente.

- Fraternidade - quando o ser humano adquire a percepção de que os seus anseios mais legítimos e profundos são basicamente os mesmos que movem o coração de seus semelhantes, inverte a visão individualista.
- Altruísmo - tudo o que se faz com altruísmo é positivo e construtivo porque é inspirado pela sabedoria interior. O altruísmo ilumina a consciência e faz que o mais simples ato, realizado sem a preocupação de satisfazer o ego, de modo desapegado, torne-se um rito sagrado, porque tal ato é movido pelo amor, sem visar recompensas.
- Respeito à cidadania - o respeito à cidadania reforma a sociedade porque reformula o comportamento do cidadão. A consciência de que o próprio bem-estar está ligado ao bem-estar social faz com que os homens reivindiquem seus direitos em conjunto e desempenhem seus deveres com harmonia. O respeito ao espaço comum, ao patrimônio público e a contribuição para a melhoria da qualidade de vida da comunidade determinam o desenvolvimento real e conscientizam da interdependência.
- Concórdia - o exercício da concórdia consiste na apreciação serena e lúcida de uma opinião ou situação, visando encontrar soluções de consenso.
- Força interior - a debilidade de caráter deve-se à falta de força interior, que leva o indivíduo a temer a vida, mentir, roubar, matar e praticar toda sorte de vilanias e crimes contra a natureza.
- Unidade - apesar da multiplicidade de aspectos e diversidade de funções e formas, nada nem ninguém pode ser considerado isolado. Tudo o que existe na natureza e no universo interage e se comunica energeticamente.

- Patriotismo - não significa delimitar fronteiras e defendê-las a qualquer custo. Não é cultivar separação e a divisão do planeta, o que já custou e ainda custa muito sofrimento. O mundo hoje está de tal modo interdependente econômica, científica e culturalmente, que não permite mais nenhum retrocesso.
- Responsabilidade cívica - criticar erros e deficiências sociais sem procurar eliminá-los é fugir das responsabilidades civis. Instituições governamentais, indústrias, empresas, universidades, escolas funcionam porque homens e mulheres nelas trabalham e se beneficiam; só justificam sua função na sociedade se os colaboradores tiverem dedicação, honestidade, consciência do valor do serviço prestado e responsabilidade cívica.
- Solidariedade - é a comunicação profunda com o semelhante, enfatizando similaridades e dissolvendo empecilhos em forma de personalidade, credo, cultura, raça ou posição sócio-econômica.
- Respeito a todas as formas de vida e à natureza - a natureza tem método e equilíbrio em suas múltiplas expressões. A atuação perfeita da natureza é por si só uma grande lição.
- Respeito a todas as formas de culto e religiões - o esplendor da Verdade é único, embora apareça de maneiras diferentes, refletido nos vários costumes, mitos, credos, rituais e manifestações da espiritualidade e criatividade humanas. É preciso estar aberto para aprender com as diferenças, respeitando-as, enxergando sem distorções preconcebidas a expressão das várias culturas e religiões.
- Uso adequado do tempo - tudo o que vive cumpre um ciclo na existência. Cada ser humano dispõe de um período dentro da eternidade para cumprir seu propósito de vida. O tempo biológico segue sua evolução natural: nascimento, desenvolvimento, procriação, amadurecimento, envelhecimento e morte física. O tempo sensitivo e subjetivo é relativo aos

estados de ânimo de cada indivíduo. O tempo mental está condicionado ao contato que o ser humano tem com o mundo por meio dos sentidos. Quando a atividade mental é anulada pelo sono ou hipnose, por exemplo, o tempo pára, portanto, a realidade transcende o tangível. O uso adequado do tempo consiste em aproveitar cada oportunidade de aprender como única, adquirir autoconhecimento e servir a sociedade.

- Uso adequado da energia do dinheiro - o dinheiro está impregnado de energia gerada pelas convenções, normas de comportamento, desenvolvimento social e aspirações materiais. Como toda energia deve circular; caso contrário, cria desconforto, dor, injustiça, violência e todo tipo de desequilíbrio individual e social. O dinheiro gera possibilidades e não pode ser usado como instrumento de poder. Avareza, ganância e desperdício são erros cometidos frequentemente no trato com a energia dinheiro, devido à inversão de valores na sociedade.
- Uso adequado da energia vital - as necessidades e compulsões da natureza do corpo físico do homem, não precisam ser reprimidas, mas, conscientizadas. São energias e por isso mesmo devem fluir naturalmente, sem permissividade ou desregramento, para, bem direcionadas, constituírem forças saudáveis que mantenham o seu organismo hígido. O uso adequado da energia vital proporciona melhores condições de aprendizado, disposição física e elevação de propósitos.
- Uso adequado da energia do alimento - os alimentos, quando ingeridos, transformam-se na energia geradora de pensamentos, emoções e movimentos. O cuidado com a alimentação tem sido desprezado. Alimentação sadia e equilibrada gera saúde física e mental. O conhecimento do valor nutritivo dos alimentos e sua ação energética ajuda a desenvolver a percepção superior.

- Uso adequado do conhecimento - tanto o conhecimento adquirido por educação formal ou pela observação da vida, quanto a sabedoria espiritual adquirida pela experiência com o transcendental devem ser compartilhados e não desperdiçados. Usar adequadamente o conhecimento significa empregá-lo sempre em benefício do próximo e da evolução do homem. Deve ser transmitido sem imposições e dosado conforme a sede do semelhante. Conhecimento é uma forma de poder; assim, deve ser usado com discernimento, a serviço do bem.

4 EDUCAÇÃO DIALÓGICA DE PAULO FREIRE

4.1 Biografia

Paulo Freire nasceu aos 19 de setembro de 1921 em Recife (PE) e morreu em 02 de maio de 1997, aos 75 anos.

O pai de Paulo Freire era Oficial da Polícia Militar de Pernambuco, como religião professava o espiritismo, ao contrário de sua mãe que era católica. No diálogo de carinho, amor e bondade de seus pais que vai aprender aquele diálogo que, mais tarde, apresentará como método concreto para a libertação do homem.

Paulo Freire foi professor de português de 1914 a 1947, quando se formou em Direito sem, no entanto seguir carreira. Entre 1947 e 1956 foi assistente, depois diretor do Departamento de Educação e Cultura do SESI/PE, onde desenvolveu suas primeiras experiências com educação de trabalhadores. Em 63 presidiu a Comissão Nacional de Cultura Popular e coordenou o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos ao convite do Ministro de Educação no governo de João Goulart.

Em 1964 a ditadura militar obrigou-o a quinze anos de exílio. Foi para o Chile onde, até 1969, assessorou o governo democrata-cristão de Eduardo Frei, em programas de educação popular.

Em 1980 recebeu o prêmio Balduino da Bélgica e, em 1986, o prêmio Educação em São Paulo (1989-1991). Assessorou programas de pós-graduação na PUC/SC e na Universidade Estadual de Campinas, até seu falecimento.

Antes de Paulo Freire, adultos e crianças eram alfabetizadas pelos mesmos métodos.

Por conhecer a linguagem do povo, ele percebeu que para motivar os operários deveria partir das vivências de cada um. Criou então mais que um método: uma teoria do conhecimento que partia de palavras geradoras, presentes no cotidiano dos trabalhadores.

4.2 O Contexto do Pensamento de Freire

Segundo pesquisa de Machado e Kuntze (1998, p.13-33), o trabalho de Paulo Freire surge no Brasil, com mais veemência, entre 1958 e 1964, momento em que o país estava passando por uma efervescência política, devido à redemocratização (1945 a 1964) e a luta pela divisão do poder.

Na década de 50, com o acelerado processo de industrialização, foi provocada uma acentuada urbanização. A indústria brasileira caracterizava-se como monopolista e vinculada ao capital estrangeiro. As relações capitalistas atingiam o meio rural provocando a expulsão de camponeses de suas terras e criando o trabalhador volante, mais conhecido como "bóia-fria", agravando ainda mais os problemas sociais nas grandes cidades.

No período de redemocratização ampliou-se significativamente o número de partidos e agremiações políticas. O debate sobre as desigualdades sociais tomou força e a sociedade começou a organizar-se, a fim de lutar por parcela do poder, que até então se encontrava concentrado nas mãos da burguesia e do capital internacional. O clima de efervescência política e mobilização popular, ocorrido no final da década de 50 e início dos anos 60, trouxe com muita força a discussão sobre as Reformas de Base e, com isso, reascendeu a questão da educação como direito de todos. Diferentemente dos anos 30, a tônica do debate educacional apresenta-se no patamar das políticas educacionais, deixando em segundo plano o âmbito pedagógico-didático.

A preocupação com a erradicação do analfabetismo era extremamente forte. Acreditava-se que por meio da alfabetização, as pessoas formariam uma consciência crítica e teriam melhores condições de lutar contra a burguesia dominante. Nessa perspectiva histórica, várias iniciativas de alfabetização par adultos foram colocadas em prática. Muitas destas recebem o apoio e o financiamento do governo, uma vez que este, estava preocupado com a ampliação

do número dos eleitores. Como analfabeto não votava, era preciso alfabetizá-los para torná-los eleitores.

Nos anos 60, este movimento cultural preocupado com a emergência das massas populares no processo político nacional levou jovens intelectuais a engajarem-se em um trabalho voltado aos movimentos de cultura popular, aos sindicatos e organizações sociais e à educação de adultos. No âmbito educacional, a prática educativa que teve maior repercussão no país foi o Método Paulo Freire, o qual alfabetizava em curto espaço de tempo, além de trabalhar a criticidade e consciência de seus educandos.

O método tem como ponto de partida o trabalho com o mundo concreto do educando, fazendo com que o objeto trabalhado tenha significado, tanto para o indivíduo como para o coletivo. O modo de educar, por meio da dialogicidade, leva o educando a compreender seu papel no grupo ao qual pertence e na sociedade em que está inserido.

Para a aplicação do método era preciso selecionar quinze ou dezoito palavras que deveriam estar ligadas às experiências existenciais dos alfabetizandos; como resultado, eram obtidas as palavras geradoras. Através destas palavras, começou-se todo um processo de alfabetização que se dividiu em várias etapas. Os resultados práticos foram excelentes e conseguiu-se alfabetizar um grande número de adultos em um prazo menor do que se esperava.

Freire participou de movimentos sociais onde eram realizados os "ciclos de cultura" e dirigiu uma campanha de alfabetização em Angicos, que obteve excelente resultado frente a conjuntura daquela época, por alfabetizar um grande número de adultos em 45 dias. Esse sucesso fez com que o Ministro da Educação, do governo João Goulart, o convidasse para dirigir o Programa Nacional de Alfabetização que, com o golpe, foi extinto e substituído pelo MOBREAL (Movimento de Alfabetização Brasileiro).

Ainda segundo as pesquisadoras Machado e Kuntze (1998), o golpe militar em março de 1964, fez com que todos os movimentos sociais fossem silenciados e uma

nova ordem se instaurou no país. Neste período, muitos intelectuais e militantes da esquerda foram caçados, torturados e exilados. Paulo Freire, devido à sua postura política e ao seu trabalho, foi exilado. Durante o exílio foi acolhido em diversos países, como o Chile, Estados Unidos, Genebra, Cabo Verde, Angola e Guiné Bissau, exercendo influência na educação, de maneira dialética.

Em 1979, com a abertura política, Freire voltou ao Brasil trabalhando, primeiramente, como professor em Campinas e, posteriormente, na Universidade de Pernambuco. É importante ressaltar que o reconhecimento de seu trabalho foi imediato no exterior, enquanto em nosso país, muito recentemente é que suas idéias estão sendo consideradas e estudadas.

Faz-se necessário lembrar – alertam as pesquisadoras, que no período de 58 a 64, Freire, assim como outros intelectuais da época, acreditava que apenas por meio da educação era possível transformar a sociedade. Ele via a educação como a alavanca que levaria à ruptura social. Já no período do exílio, seu entendimento de educação, enquanto promotora da transformação social, sofreu mudanças. Depois do Golpe Militar, sua reflexão fez com que visse a escola como uma das instituições sociais. Sendo assim, ela não é o único meio para a promoção de rupturas. O que a escola pode fazer é auxiliar na construção de uma consciência crítica dos sujeitos que por ela passam, desta maneira ela fornece melhores condições para os indivíduos entenderem o mundo e lutarem por parcela do poder, promovendo a ruptura social.

4.3 A Proposta de Paulo Freire

O homem é o único animal cultural; por suas características próprias ele desenvolve modos de resolver problemas, concepções de mundo, artes, que vão sendo assimiladas pelas novas gerações, seja para facilitar a sobrevivência, ou para encontrar o sentido das coisas. Há necessidade, portanto, de se aprimorar a herança cultural. O acesso à cultura pode se dar de várias formas, sendo a escola uma forma privilegiada.

Os últimos trinta anos da história da educação brasileira foram caracterizados por importantes marcos no campo da educação popular e da educação de adultos. Paulo Freire é um desses marcos, talvez o mais significativo.

Paulo Freire se faz presente, discutindo o papel do educador, seu compromisso com o educando, a forma como a educação se realiza, a questão do conhecimento, sua produção e transmissão, tendo sempre as camadas populares como interlocutoras privilegiadas.

Paulo Freire é, sem dúvida alguma, um educador humanista e militante. Em concepção de educação parte-se sempre de um contexto concreto para responder a esse contexto. Em educação como prática da liberdade, esse contexto é o processo de desenvolvimento econômico e o movimento de superação da cultura colonial nas "sociedades em trânsito". O autor procura mostrar, nessas sociedades, qual é o papel da educação, do ponto de vista do oprimido, na construção de uma sociedade democrática ou "sociedade aberta". Para ele, essa sociedade não pode ser construída pelas elites porque elas são incapazes de oferecer as bases de uma política de reformas. Essa nova sociedade só poderá se constituir como resultado da luta das massas populares, as únicas capazes de operar tal mudança.

Paulo Freire entende que é possível engajar a educação nesse processo de conscientização e de movimento de massas. Ele desenvolve o conceito de "consciência transitiva crítica", entendendo-a como a consciência articulada com a práxis. Segundo ele, para se chegar a essa consciência, que é ao mesmo tempo desafiadora e transformadora, são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a convivência.

O diálogo proposto pelas elites é vertical, forma o educando-massa, impossibilitando-o de se manifestar. Nesse suposto diálogo, ao educando cabe apenas escutar e obedecer. Para passar da consciência ingênua à consciência crítica, é necessário um longo percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua auto-afirmação enquanto sujeito.

Por isso Paulo Freire se refere a dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, na qual a educação existe como prática da dominação, e a pedagogia do oprimido – tarefa ainda a ser realizada -, na qual a educação surge como prática da liberdade. Trata-se de um trabalho de conscientização e de politização. Não basta que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas é preciso que ele transforme essa realidade. "A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido". (FREIRE, 1999, p.66-68).

A pedagogia do dominante é baseada em uma concepção "bancária" da educação, que é centrada predominantemente na narração. Como afirma Paulo Freire: "A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em 'vasilhas', em recipientes a serem 'enchidos' pelo educador".(FREIRE, 66-68)

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção 'bancária' da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los". ((FREIRE, 1999, p.66-68).

Fica assim caracterizada a passividade do educando, tornado objeto, e o paternalismo do educador, único sujeito do processo. Tal educação baseia-se no pressuposto da existência de um mundo estático e harmônico, isto é, sem contradições.

Decorre daí uma relação de verticalidade (o saber é doado de cima para baixo) e, conseqüentemente, de autoritarismo (quem sabe, manda). Eis a educação como prática da dominação. As chamadas teorias da reprodução contribuem para manter as divisões sociais existentes, ou na linguagem marxista, predominantemente em

tantos estudos sobre a reprodução, a educação e a escola têm um importante papel na reprodução das relações sociais de produção, ocupando um lugar central nesse processo a manutenção da divisão social do trabalho: num pólo o trabalho mental, no outro o trabalho manual.

O conhecimento produz principalmente poder e dominação. Porém, a concepção problematizadora da educação, ao contrário, baseia-se em uma outra compreensão da consciência e do mundo. Sob tal perspectiva, conhecer não pode ser o ato de uma "doação" do educador ao educando, mas um processo que se faz no contato do homem com o mundo vivido. Para que exista a educação autêntica é preciso ser superada a relação vertical educador-educando e ser instaurada a relação dialógica. O diálogo supõe troca, não imposição. "Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa". (FREIRE, 1999, p.78-79) Dentro desse espírito novo, os educadores devem superar a postura autoritária e, abertos ao diálogo, saber ouvir o próprio povo.

Por isso devem ser rejeitadas as cartilhas, como "roupa de tamanho único que serve pra todo mundo e ninguém" e que abordam temas distantes da realidade vivida. Com o método de Paulo Freire é superada a dicotomia teoria e prática, pois o homem descobre, no processo, que sua prática supõe um saber e que conhecer é, de certa forma, interferir na realidade conhecida.

Portanto, a história da teoria crítica em educação, nesse período, tem sido também a de uma tentativa de refinamento das afirmações demasiadamente categóricas que inicialmente foram feitas sobre os aspectos reprodutivos da educação. A educação também gera o novo, cria novos elementos e novas relações, gera resistências que vão produzir situações que não constituem mera repetição das posições anteriores.

Em suma, teoriza-se que a educação não apenas reproduz - ela também produz.

Mas, se o que temos é uma sociedade que enfrenta mudanças constantes em diversos âmbitos, tais como: na ciência, na tecnologia, nas comunicações e nos relacionamentos sociais, onde nem sempre as respostas obtidas são calcadas no passado, mas sim numa busca incessante em torno de um dinamismo social que evolui conforme a novas formulações de métodos e habilidades interpessoais.

Desse modo, uma outra alternativa que, num certo sentido, abarca todas as outras, é a chamada educação permanente, a qual sugere que o homem, sendo um ser inacabado, é sempre objeto de educação. Assim, na questão primordial da educação, o fim está no desenvolvimento de uma sociedade em que as pessoas se sintam mais adequadas às mudanças do que à rigidez formal, pois somente ingressados a essa contextualização os próprios educadores se tornem abertos e flexíveis, e, por conseguinte, transmitam de uma forma equilibrada o conhecimento e os valores do passado, além de repercutir as inovações sob a preparação de um futuro incerto. Logo se implemente, no sistema, mediante não apenas ao ensinamento, mas também facilite a aprendizagem. Essa facilitação pode ser graças ao diálogo.

Na concepção de Paulo Freire, o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança. Ele retoma essas características do diálogo com novas formulações ao longo de muitos trabalhos, contextualizando-as. Assim, por exemplo, ele se refere à experiência do diálogo, ao insistir na prática democrática na escola pública: "[...] é preciso ter coragem de nos experimentarmos democraticamente". Lembra ainda que "[...] as virtudes não vêm do céu, nem se transmitem intelectualmente, porque as virtudes são encarnadas na práxis ou não." (FREIRE, 1980. p.65)

A primeira virtude do diálogo consiste no respeito aos educadores, não somente enquanto indivíduos, mas também enquanto expressões de uma prática social. Não se trata do espontaneísmo, que deixa os estudantes entregues a si próprios. O espontaneísmo, afirma ele, só ajudou até hoje à direita. A presença do educador não é apenas uma sombra da presença dos educandos, pois não se trata de negar a autoridade que o educador tem e representa.

As diferenças entre o educador e o educando se dão numa relação em que a liberdade do educando "não é proibida de exercer-se", pois essa opção não é, na verdade, pedagógica, mas política, o que faz do educador um político e um artista, e não uma pessoa neutra.

Outra virtude fundamental é escutar as urgências e opções do educando. Há ainda outra virtude: a tolerância, que é a *"virtude de conviver com o diferente para poder brigar com o antagônico"*.

Como se vê, para ele, a educação é um momento do processo de humanização.

Por outro lado, Paulo Freire tem um modo dialético de pensar, não separando teoria e prática, como faziam os positivistas clássicos. Em sua obra, teoria, método e prática formam um todo, guiado pelo princípio da relação entre o conhecimento e o conhecedor, constituindo, portanto, uma teoria do conhecimento e uma antropologia nas quais o saber tem um papel emancipador.

Sua obra *Pedagogia do Oprimido* completaria suas concepções pedagógicas acerca das diferenças entre a pedagogia do colonizador e a pedagogia do oprimido. Nela, sua ótica de classe aparece mais nitidamente: a pedagogia burguesa do colonizador seria a pedagogia "bancária". A consciência do oprimido, diz ele, encontra-se "imersa" no mundo preparado pelo opressor; daí existir uma dualidade que envolve a consciência do oprimido: de um lado, essa aderência ao opressor, essa "hospedagem" da consciência do dominador – seus valores, sua ideologia, seus interesses – e o medo de ser livre e, de outro, o desejo e a necessidade de libertar-se. Trava-se, assim, no oprimido, uma luta interna que precisa deixar de ser individual para se transformar em luta coletiva: "[...] ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão."

O diálogo é, portanto, uma exigência existencial, que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido. Ultrapassando suas "situações-limite", o educador-educando chega a uma visão totalizante do programa, dos temas geradores, da apreensão das contradições até a última etapa do desenvolvimento de cada estudo.

Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o educando não é um homem "perdido", fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber. Paulo Freire refere-se à categoria diálogo não apenas como método, mas como estratégia para respeitar o saber do educando. O importante é a comprovação de que os alunos, quando chegam à escola, também têm o que dizer, e não apenas escutar. "[...] o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar; este diálogo não pode reduzir-se a depositar idéias em outros". (FREIRE, 1980, p.83).

A educação vista por esse ângulo dá especial ênfase ao fato de que é preciso conhecimento. Conhecimento, aqui entendido, não somente sobre o que vai ser ensinado. Mas há que se levar em conta o conhecimento da situação dos educandos. É de extrema importância que se tenha conhecimento sobre a realidade vivida pelos educandos.

Freire concebe a educação como um processo permanente, no qual estamos todos nos educando continuamente. Acredita no papel dos educadores como desmistificadores da realidade distorcida, o que pode ser conseguido por meio da percepção crítica da realidade.

As histórias muitas vezes refletem o espírito da comunidade, se não sua memória coletiva, e também os silêncios que demonstram seu inconsciente reprimido. Tais histórias necessitam ser faladas, ouvidas e afirmadas, mas também criticadas quando personificam, muitas vezes, de forma inconsciente, o racismo, o sexismo ou antagonismos que oprimem os outros.

Essa atitude é amparada por trabalhos anteriores que atestaram que as pessoas só se interessam pela discussão, quando a decodificação da mesma diz respeito, diretamente, a aspectos concretos de suas necessidades sentidas.

Conscientização é a palavra-chave da educação dialógica.

A educação reproduz em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A pedagogia é antropologia.

O método de Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular; conscientizar e politizar. A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores dessa realidade e se esta, na "inversão da práxis", se volta sobre ele e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido. A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado.

Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isso para que, melhor adaptando-os a essa situação, melhor os dominem.

O educador problematizador refaz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também.

A concepção "bancária", na medida em que, servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda que não podendo matar a intencionalidade da consciência como um desprender-se do mundo, a "doméstica", nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se.

A educação problematizadora na medida em que, servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora.

Enquanto a concepção "bancária" dá ênfase à permanência, a concepção problematizadora reforça a mudança. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. "A vocação do homem é a de ser sujeito e não objeto, devendo participar e não ser tratado como simples observador." (FREIRE, 1998, p.61).

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao novo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma estruturada.

A educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais.

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não "bancária", é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros.

4.4 O Método de Freire e a Tecnologia

No entender de Schwartz (2002), em artigo publicado na Internet, na discussão entre educação e tecnologia na sociedade contemporânea, há três conceitos: interação, comunidade, informalidade.

A interatividade é uma idéia relativamente generalizada, mas que em poucas situações ocorre de fato. Para muitos especialistas, o e-mail continua como uma ferramenta antiga mas que serve às principais exigências da comunicação. A forma é nova, mas a prática é tão antiga quanto trocar cartas. Além do mundo do e-mail, técnicos e críticos continuam em busca de um ambiente, de um instrumento, de uma tecnologia que faça justiça às promessas de interatividade trazidas pela Internet.

Será a televisão algum dia mais interativa, além do processo banal que vemos em programas do tipo "Você Decide" ou "escolha o filme da próxima da próxima semana"? Qual o sentido das inúmeras possibilidades de personalização de *sites*, jornais e outros serviços de informação? Até que ponto essas tecnologias são interativas, até que ponto nada mais são do que ferramentas de marketing, instrumentos de rastreamento de preferências, como no Ibope que serve de guia para um apresentador de TV prolongar ou retardar uma atração que está sendo apresentada ao vivo?

Ainda na concepção de Schwartz, a idéia de comunidade resume outro dos desafios. A Internet começou como uma comunidade de pesquisadores trocando informações sobre projetos numa rede de universidades norte-americanas, patrocinada pelo establishment militar interessado na aceleração e na segurança desses projetos. Experiências como o "Well" (poço) também fizeram muito sucesso, antecipando a generalização posterior das salas de bate-papo.

Mais recentemente, a engenharia de comunidades tornou-se também uma espécie de Meca dos desenvolvedores de *websites* e projetos educacionais da Internet. Instrumentos de marketing, a formação de comunidades não passaria, desse ponto de vista, de uma forma sofisticada de serviço de atendimento a clientes ou a fornecedores.

Finalmente – acrescenta Schwartz –, a informalidade tem sido valorizada, novamente um conceito antigo (nada mais informal que um grupo de adolescentes metido numa garagem criando uma empresa de alta tecnologia em algum lugar da

Califórnia) que boa parte das estratégias da nova economia tecnológica adoraria transformar numa arma de competição por mercados e consumidores. Nos debates, pesquisas e publicações dos últimos anos, esse desafio tem sido associado à noção de "conhecimento tácito" – ou seja, à possibilidade de capturar novas idéias, sentimentos, anseios que não estão "explícitos", codificados, registrados e devidamente mensurados.

Para Schwartz, esses três desafios existentes no mundo da alta tecnologia de informação e comunicação, tornam-se ainda mais urgentes quando se trata de educação. Qual escola, qual *website* voltado à educação não gostaria de promover formas de conexão mais interativas, propícias à transformação dos "clientes", alunos, pais de alunos, numa comunidade capaz de criar uma experiência muito mais rica do que a mera transmissão formal de conhecimento?

Segundo o raciocínio desse autor, é nesse momento que as idéias de Paulo Freire tornam-se atuais, pois o seu modelo pedagógico, a sua visão do processo de aprendizado é sustentada exatamente por esse tripé: interatividade, comunidade e informalidade.

Em 1996, Freire publicou o livro "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa". Segundo a especialista Claudilene Sena de Oliveira Kerber, Paulo Freire "[...] enfatiza a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola."

Nessa frase curta está a semente de uma grande transformação, se professores, alunos, instituições de ensino, empresas e governos conseguirem antes transformar as suas regras, as suas hierarquias, os seus mecanismos de controle.

Mas é justamente nisso que reside o caráter "revolucionário" da obra de Freire. Pois ele não está dizendo que esta ou aquela ferramenta vai criar um novo tipo de educação. Ele insiste numa idéia muito mais difícil de realizar: a de que somente a transformação nas relações de poder entre quem "ensina" e quem "aprende" será possível criar uma interatividade (ou seja, diálogo) autêntica.

Se tal nível de diálogo entre iguais for alcançado, então a interatividade será a base para a criação de uma comunidade.

Em outras palavras, estará em jogo a criação de uma comunidade onde ocorre não a transmissão de conhecimento, mas a produção compartilhada, coletiva, prática de conhecimento.

É o que os teóricos e estrategistas mais recentes no campo da administração de empresas e organizações denominam "*comunidades de prática*". Somente nesse ambiente, onde a confiança é crucial, pode o conhecimento florescer, sobretudo como resultado informal, ou seja, não necessariamente codificado, registrado, medido e controlado de um processo em que todos os participantes estão não apenas aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, mas participando de uma transformação social e política de que a escola é apenas parte.

Obviamente, os computadores, a Internet, a televisão digital e outras potentes máquinas serão apenas escravos dela, dados numa planilha de marketing estratégico, usuários de um sistema controlado com finalidades duvidosas e pouco transparentes, personagens de sociedades parecidas com os piores cenários já imaginados pela ficção científica.

A partir dessa visão, é importante definir Tecnologia Educacional e reconceituar seu campo, tema que será apresentado a seguir.

5 A TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Transferir para a educação o valor de um sistema de produção e consumo, é ignorar sua essência como produtora de cultura num projeto social, que cumpre função tanto a curto como a longo prazos, atribuindo-lhe uma função imediatista e praticista. Pela perspectiva da qualidade, as instituições são unidades de produção, e os grupos sociais são os consumidores dos produtos das instituições.

Podemos sustentar nosso interesse pela qualidade, enquanto o referido conceito se construa pedagogicamente, em função das necessidades e das possibilidades educacionais.

O melhoramento associa-se ao conceito de inovação que propõe hoje, geralmente, a utilização de novas tecnologias em aula e que implica novos projetos muitas vezes fundamentados em concepções de ensinar e aprender diferentes das propostas nos modelos curriculares. Requer-se nesses casos, reconhecer qual é a concepção de ensinar e de aprender contida na inovação, para analisar possíveis contradições ou dificuldades na prática. As inovações costumam ser definidas como uma nova proposta que inclui um melhoramento no sistema educacional ou nas práticas da aula. (EDITH LITWIN, 1997, p.8-9).

Litwin traz a seguinte definição de inovação: "Inovação é concebida como a busca de mudanças que, de forma consciente e direta, tem como objetivo a melhora do sistema educacional." (no trabalho mimeografado: 'A compreensão da cultura das inovações educativas como contraponto à homogeneização da realidade escolar' - Juana María Sancho e Fernando Hernández (1997, p.10).

A denominação "Tecnologia Educacional" tem duas vertentes fundamentais: em primeiro lugar, as concepções próprias das décadas de 50 e 60, nas quais correspondia à Tecnologia Educacional o estudo dos meios como geradores de aprendizagem; posteriormente, a partir da década de 70, aquelas concepções que definem Tecnologia Educacional pelo estudo do ensino como processo tecnológico.

Maggio (1997, p.12), apresenta a definição de Tecnologia Educacional, extraída da declaração formulada pela Comissão sobre Tecnologia Educacional dos Estados Unidos em 1970, citada por De Pablos Pons (1994, p.42):

É uma maneira sistemática de elaborar, levar a cabo e avaliar todo o processo de aprendizagem em termos de objetivos específicos, baseados na investigação da aprendizagem e da comunicação humana, empregando uma combinação de recursos humanos e materiais para conseguir uma aprendizagem mais efetiva.

Maggio (1997, p.13) traz também outras definições de Tecnologia Educacional:

Tecnologia Educacional é aquela que reflete sobre a aplicação da técnica à resolução de problemas educativos, justificada na ciência vigente em cada momento histórico. Enfatiza o controle do sistema de ensino e aprendizagem como aspecto central e garantia da qualidade, ao mesmo tempo em que entende que as opções mais importantes estão relacionadas com o tipo de técnica que convém e como incorporá-la adequadamente. (SARRAMONA LÓPEZ, 1994).

Tecnologia Educacional é o estudo científico das práticas educativas, técnica-prática baseada no conhecimento científico, dado que a tecnologia pretende apagar essa distância entre a eficiência infundada e o saber científico, ao servir de ponte entre a técnica e a ciência'. (QUESADA CASTILLO, 1990).

Para Poloniato (1994):

(...) a Tecnologia Educacional não se define como ciência, poderia estar localizada como "ciência ponte", disciplina orientada para a prática e controlável pelo método científico. Segundo a concepção de que se trate, e nos diferentes momentos do desenvolvimento do campo, essa referência a uma disciplina científica tem sido apoiada pelas psicologias da aprendizagem, pelas teorias da comunicação e pela teoria de sistemas, ou pela confluência de todas elas.

Atualmente na Argentina, Litwin (1993, p.3), citado por Maggio (1997, p.13), propõe uma conceitualização do campo que recupera sua especificidade:

Entendemos a Tecnologia Educacional como o corpo de conhecimentos que, baseando-se em disciplinas científicas encaminhadas para as práticas do ensino, incorpora todos os meios a seu alcance e responde à realização de fins nos contextos sócio-históricos que lhe conferem significação. A Tecnologia Educacional, assim como a Didática, preocupa-se com as práticas do ensino, mas diferentemente dela inclui entre suas preocupações o exame da teoria da comunicação e dos novos desenvolvimentos tecnológicos: a informática, hoje em primeiro lugar, o vídeo, a TV, o

rádio, o áudio e os impressos, velhos ou novos, desde livros até cartazes. Ao tratar de delimitar seu objeto, entre os suportes teóricos têm que se acrescentar as teorias da comunicação com o exame dos pressupostos. Esta busca de delimitação não inclui a análise do planejamento ou modelo em nível do macrossistema. Em nosso debate sobre a Tecnologia Educacional hoje, ganham força as preocupações ideológico-políticas e ético-filosóficas como crítica e superação da marca tecnicista no momento de seu nascimento. Na análise da disciplina, desde o ponto de vista histórico, observamos que durante muito tempo se definiu Tecnologia Educacional, identificando-a com propostas tecnocráticas. Mesmo hoje em dia, costuma-se falar do modelo tecnológico quando na realidade se deveria estar falando do modelo tecnicista. É por isso que a preocupação desde o ideológico-político se torna fundamental no reconhecimento dos fins subjacentes, nas diferentes propostas de Tecnologia Educacional.

Diferentes autores coincidem em situar a origem da Tecnologia Educacional na década de 50. Para Bartolomé e Sancho (1994), citado por Litwin (1997, p. 4), esta é uma década chave para o posterior desenvolvimento dos âmbitos da Tecnologia Educacional, destacando-se, nesse momento, a importância crescente do tema da comunicação. Esta origem, que se situa nos EUA, se caracteriza pelo claro predomínio do desenvolvimento dos aparelhos e uma vontade declarada de contar com outros campos científicos de apoio, especialmente o da psicologia.

Nestes anos, a Tecnologia Educacional constitui-se na opção, enquanto se ocupa dos problemas práticos do ensino, ao contrário de outros campos. A Psicologia da Educação, por exemplo, aparecia centrada em buscas investigativas de forte caráter experimental.

A pesquisa da época aparecia centrada nos materiais, nos aparelhos e nos meios de instrução, apontando a comparação entre meios, a partir da elaboração de instrumentos para sua avaliação e seleção. O meio era "a variável mágica que, aplicada a todo ensino, a todo aluno, a qualquer grau, para qualquer matéria e com qualquer objetivo, daria os resultados desejados". (PÉREZ GÓMEZ, 1993 citado por MAGGIO 1997, p.14).

Pela década de 60, começaram a incorporar-se os avanços da psicologia cognitiva, para analisar os meios desde os processos cognitivos provocados. Tentase comprovar a incidência de diferentes métodos ou meios no processo de aprendizagem dos alunos. Mesmo quando essas pesquisas começam a se realizar no contexto da aula, continuam sendo ignorados os intercâmbios maiores e mais complexos que ali se produzem.

Nos anos 70, a Tecnologia Educacional pode ser caracterizada sob dois pontos de vista: um restrito e outro amplo (DÍAZ BARRIGA, 1994) citado por MAGGIO (1997). A versão restrita aparece vinculada ao emprego de novas tecnologias, mas continua sendo o limite dos aparelhos, da utilização de meios, o que caracteriza o campo. Essa visão tem escasso desenvolvimento na América Latina devido aos custos que implica a tecnologização dos sistemas educacionais. Na visão ampla, a Tecnologia Educacional é caracterizada como conjunto de procedimentos, princípios e lógicas para atender os problemas da educação.

O eixo desta visão ampliada foi a perspectiva de buscar solução para os problemas, antes de estabelecer uma conceitualização dos mesmos, e no plano teleológico reivindicou a importância dos meios para a solução dos problemas, estabelecendo que não lhe competia o problema dos fins." (DÍAZ BARRIGA, 1994, p.140 citado por MAGGIO 1997, p.15).

Num trabalho elaborado pela Direção de Pesquisa e Comunicação Educativas do Instituto Latino-Americano da Comunicação Educativa (ILCE), afirma-se que a origem deste campo se caracteriza por um equívoco inicial: supor que a utilização de instrumentos derivados do avanço técnico melhorará automaticamente a eficiência e a eficácia dos sistemas educacionais e abrirá, inclusive, possibilidades para a substituição do professor. Por trás desta pretensão, aparece implícito um conceito de ensino, como mera transmissão de informação.

No entanto, a melhora automática do sistema educacional pela inclusão dos meios não se comprova efetivamente, e a Tecnologia Educacional, na linha da denominada visão ampla, persiste em sua intenção de controlar o processo de ensino e a aprendizagem:

A concepção de Tecnologia Educacional, como o uso de recursos audiovisuais no ensino, logo foi refutada, embora tenha podido sobreviver longo tempo entre alguns educadores e comunicadores latino-americanos [...] reduzida aos dispositivos, era inapropriado falar de uma tecnologia educacional; porém estava se presenciando, antes, um fenômeno de tecnologia na educação. Isto é, aparelhos tecnológicos concebidos para tarefas alheias ao campo educacional incorporavam-se a este com propósitos instrucionais [...] Neste sentido, uma aguda observação referente à definição do campo consistiu em estabelecer a distinção entre processos e produtos; entre hardware e software. Nestes termos, já era possível falar de Tecnologia Educacional, isto é, procedimentos, estratégias e métodos, derivados do conhecimento sobre o factum educativo, que se aplicavam à resolução de problemas práticos. Já não se tratava unicamente de dispositivos ou meios técnicos introduzidos no âmbito pedagógico, mas também de elementos instrumentais para sistematizar os processos e a organização educacional. (ILCE, 1993, p.4 citado por MAGGIO, 1997, p.15)

Para Poloniato (1994) citado por Maggio (1997), a visão ampla enquadra-se numa linha dominante no começo de 1960, que se reafirma na década de 70, e marca a Tecnologia Educacional, baseando-se no desenvolvimento e na administração de elementos sistêmicos.

No enfoque sistêmico a educação é concebida como o sistema ou a totalidade de subsistemas inter-relacionados. O sistema é um conjunto de dados vinculados entre si e com os dados do meio ambiente. A busca, nesse enfoque, está orientada para o acréscimo da eficiência e para o controle de que se produzam os efeitos buscados. Pretende-se a regularidade.

Segundo Quesada Castillo (1990) citado por Maggio (1997, p.16), criticou-se a Tecnologia Educacional como se os projetos particulares a constituíssem. Entre as críticas mais freqüentes mencionam-se: visão empresarial das escolas, atomização do processo de ensino e do sujeito de aprendizagem, mecanicismo, instrumentalismo, efficientismo e ignorância do contexto histórico-político-social do processo educativo. Entende-se que estas críticas podem se justificar pela dominância do enfoque sistêmico que caracterizava não apenas os postulados teóricos do campo

como também as propostas reais nas quais se desenvolviam abordagens próprias da Tecnologia Educacional.

Cabe destacar as afirmações de Díaz Barriga (1994, p.140-141) citado por Maggio (1997, p.16):

Talvez o excesso da crítica, como um movimento pendular, tenha gerado novos problemas; entre eles se destacam: em primeiro lugar, o ataque a toda forma ou proposta técnica, por declará-la própria de um pensamento técnico-instrumental e, em segundo lugar, o desprezo e o descuido pelo desenvolvimento e aplicação de técnicas de baixo custo, assim como as que podem derivar das novas tecnologias da comunicação e computação. Também é necessário registrar os saldos negativos desta postulação crítica, já que se criou um esquecimento de que toda proposta educacional só é viável se tem uma dimensão técnica, e ao mesmo tempo se descuidou de uma necessária análise relacionada com as formas de pensamento das crianças e jovens de hoje, que estão estruturadas a partir dos meios de comunicação.

5.1 Reconceitualização do Campo

Do mesmo modo que a pergunta acerca da origem do objeto do campo leva necessariamente à sua reconstrução histórica, a reflexão acerca de sua definição atual requer ser enquadrada nos traços da realidade social latino-americana na década de 90. Para Puiggrós, A. e Merengo (1994) citado por Maggio (1997, p. 7), são traços predominantes: a globalização dos mercados; a interdependência; a celeridade da produção; o desenvolvimento e a difusão de tecnologias, com impacto sobre a dinâmica da significação social e do conhecimento; a incorporação da robótica na produção industrial e a pobreza como efeito não-desejado da aplicação de políticas de ajuste estrutural.

Neste contexto, Díaz Barriga (1994, p.145) citado por Maggio (1997, p.17), afirma a necessidade de reconhecer que mesmo a versão restrita da Tecnologia Educacional pode desempenhar uma importante função social, na atual América Latina:

A Tecnologia Educacional passou por várias etapas na América Latina; hoje, frente à pobreza econômica da região, é necessário pensar as possibilidades de realizar, e sobretudo de empregar em grupos amplos, desenvolvimentos tecnológicos aplicados à educação: em particular no âmbito dos vídeos e da robótica educativa (em particular simuladores) são tecnologias que mudarão radicalmente o trabalho escolar e as formas de acesso ao conhecimento. Para muitos autores, estas tecnologias vão estabelecer um impacto nas formas educativas, similar ao que estabeleceu a imprensa no século XV. É necessário enfatizar que a tecnologia educacional deve sempre permanecer nesta qualidade, portanto, deve abandonar sua pretensão de se considerar uma teoria sobre a educação.

Considera-se que a necessidade de reconceitualização aparece vinculada à falta de uma regularidade persistente quando se analisam os discursos atuais acerca da Tecnologia Educacional. Falta ainda uma discussão substantiva a respeito do objeto, das condições de produção de conhecimento nesta linha disciplinar e, particularmente, seu *status epistemológico*. Respectivamente, poderia se estabelecer um paralelo com buscas similares no campo da Didática. Segundo Díaz Barriga (1991) citado por Maggio (1997), o momento crítico que atravessa a Didática se baseia na ausência de reflexão conceitual sobre ela, obstaculizada por permanentes buscas de tipo instrumental ao longo de sua história. Torna-se evidente quanto mais obstaculizado pode-se ter visto este tipo de reflexão, num campo como o da Tecnologia Educacional, cuja obliquidade instrumentalista subscreveu a maior parte de sua constituição e desenvolvimento.

É neste nível onde Bartolomé e Sancho (1994) citado por Maggio (1997, p.17-18) identificam uma série de interrogações atuais de respostas pendentes:

- qual a contribuição específica da Tecnologia Educacional para o campo geral da educação?
- existe um âmbito específico da Tecnologia Educacional?
- que sentido tem o estudo dos meios em si mesmos?
- conhecimento tecnológico pode se considerar como um saber em que confluem meios, métodos, estratégias... utilizados num contexto na hora em que se segue umas metas educativas?

- ou deveria ser definido como a utilização de tecnologias desenvolvidas especificamente para o ensino?
- pode-se separar a pesquisa em Tecnologia Educacional da pesquisa em Didática?
- que peso específico têm as tecnologias da informação e da computação na configuração do campo da Tecnologia Educacional?
- que pode significar a influência predominante do pensamento educacional anglo-saxônico, principalmente norte-americano?

As discussões em torno da Tecnologia Educacional não se viram favorecidas pelo excesso de confiança, como tampouco pela crítica desmedida. O primeiro abusou da ilusão tecnológica, supondo que qualquer incorporação de tecnologia bastava para produzir mudanças favoráveis; a segunda não avaliou a necessária dimensão técnica da prática. Ambos contribuíram para dificultar novas formas de reflexão sobre a Tecnologia Educacional que assumindo a perspectiva crítica, promovessem sua reconceitualização.

Considera-se que os pressupostos teóricos das diferentes disciplinas sociais são, em termos gerais, os que permitem compreender o contexto sócio-histórico que confere significação às práticas nas quais se desenvolvem propostas de Tecnologia Educacional.

As teorias da comunicação constituem um ponto de referência forte para o campo da Tecnologia Educacional desde suas origens. Dos modelos teóricos clássicos até as teses atuais dos teóricos da pós-modernidade, os diferentes enfoques comunicacionais podem ser analisados nos diferentes projetos de Tecnologia Educacional. Na atualidade, muitas das preocupações aparecem centradas no desenvolvimento das novas tecnologias, nas novas formas de comunicação a partir da interatividade e do estabelecimento de redes informáticas. Isso contribui para alimentar novas problemáticas para a pesquisa pedagógica e psicológica, com um forte debate em torno da ampla ação da mente humana a partir do desenvolvimento de tecnologias inteligentes. (SALOMON, 1992 citado por MAGGIO, 1997, p.18).

As teorias psicológicas que dão ênfase à aprendizagem têm um amplo desenvolvimento atualmente, em especial as derivadas dos enfoques cognitivo, psicogenético e sócio-cultural.

Segundo Fialho (2001, p.10-11):

(...) o movimento relativo às Ciências da Cognição e em particular, à Inteligência Artificial começou com a proposta de Alan Turing, ousada para a época, de se construir máquinas pensantes. A Idéia de Turing era a de produzir uma máquina similar à mente da criança no instante de seu nascimento e submetê-la a uma 'educação'. Infelizmente, dada a reação às idéias de Turing, o primeiro movimento na formação do campo científico das ciências cognitivas só veio a ocorrer na década de 1945-55. [...] John von Neumann, Norbert Wiener e Warren Mc Culloch, os pais da cibernética desenvolveram um modelo neuronal para o cérebro. Diferente da visão behaviorista de que os cérebros funcionavam em razão de estímulos externos, estes pesquisadores propunham que o cérebro seria uma rede conexionista formada por conexões entre células, um sistema fechado em si mesmo. A máquina digital de Neumann surge como uma metáfora para esta visão do cérebro humano. A inspiração para o design de computadores, desde o início, tomou o comportamento humano como modelo.

Ainda conforme Fialho, Gregory Bateson, desenvolveu o modelo ecológico, cujo postulado é que um sistema vivo não se sustenta somente com a energia recebida de fora, e Bateson alarga a tese ao afirmar que o ruído, informação não explicada pela cibernética, pode ser generativo, criando ordem e sustentabilidade. O princípio da ordem a partir do ruído desembocou, mais tarde, nas Teorias do Caos, ou dos Sistemas Dinâmicos não Lineares. Humberto Maturana e Francisco Varela, desenvolveram a teoria da autopoiesis, que explica a forma como sistemas dinâmicos complexos se auto-organizam, adaptando-se continuamente ao nicho ecológico que habitam e aos quais são indissociáveis.

"Auto-Organização, Complexidade e Dinamicidade formam a base das pesquisas mais recentes relativas à Cognição Humana". (FIALHO, 2001, p.11).

Concorda-se com Díaz Barriga sobre a predominância do enfoque cognitivo no que se refere aos aportes ao campo da Tecnologia Educacional. Entre suas derivações mais destacadas encontram-se: aprendizagem significativa e gerativa; estratégias de instrução (organizadores prévios, mapas conceituais, redes semânticas, analogias, estruturas textuais, resumos por macrorregras, estratégias de aprendizagem para compreensão de textos, composição, solução de problemas); programas para ensinar a pensar; tutores eletrônicos inteligentes, sistemas especializados, *software* internacional.

Finalmente, é a Didática como disciplina a que aborda o ensino como objeto (CONTRERAS, (1990); GIMENO SACRISTÁN e PEREZ GÓMEZ, 1992). A preocupação sobre o ensino remete a seu caráter normativo, por sua vinculação essencial com os fins da educação. Hoje em dia, a produção do conhecimento sobre o ensino se nutre com trabalhos de pesquisa e implica a construção de uma prática reflexiva, de acordo com as finalidades educativas. Deste modo se distancia dos enfoques tecnicistas que limitavam o problema do ensino à mera reprodução de procedimentos gerais, baseando-se habitualmente em pressupostos condutistas acerca da aprendizagem.

Entende-se que é a referência teórica ao ensino que se torna imprescindível para a conceitualização da Tecnologia Educacional na atualidade. A transposição automática das teorias da aprendizagem para o ensino aconteceu tanto no campo da Didática como no da Tecnologia Educacional. Especificamente, com o desenvolvimento desta última nos Estados Unidos, favoreceu-se a desnaturalização do objeto de ensino e sua instrumentalização sob uma perspectiva pretensamente neutra. Hoje, não se discute a necessidade de teorizar sobre o ensino. Mas se a definição de 'tecnologia' é entendida como 'ciência aplicada' ou 'ponte', a Didática constitui a referência primeira e inquestionável para começar a criar propostas de ensino.

Nas décadas de 50 e 60, a Tecnologia Educacional estudou os meios como geradores de aprendizagem; a partir dos anos 70, promoveu-se o estudo do ensino como processo tecnológico, como já foi visto. Em meados de 90, na busca de novos

modos de trabalhar no campo, é possível afirmar que corresponde à Didática, no sentido da tradição europeia, a teorização sobre o ensino. Mas, mesmo quando a Tecnologia Educacional se reconheça como campo diferenciado da Didática, não deveria ser para disputar espaço, mas para referir a ele. Num certo sentido, isso faria com que a Tecnologia Educacional se ocupasse dos aspectos mais proposicionais no que se refere às práticas. Se à Didática corresponde 'explicar/compreender para propor' (CONTRERAS, 1990), a Tecnologia Educacional deveria partir dessa compreensão para gerar propostas que, também comprometidas com as finalidades educativas, assumam como essencial o sentido transformador da prática. Para isso deveria sempre recorrer à 'tecnologia', posto que esta não se limita apenas aos instrumentos (desde o giz e o quadro-negro aos computadores de última geração), estendendo hoje seu sentido ao simbólico (linguagem, escritura, sistemas de pensamento), ao conceitual (informática) e ao social (econômica, bélica, etc.). (SANCHO, 1994).

Classicamente, as propostas de Tecnologia Educacional apoiaram-se na confluência de três ciências sociais: a teoria da comunicação, a psicologia da aprendizagem e a teoria sistêmica. Nessa confluência perdeu-se o lugar da Didática como teorização do ensino. E é nessa perda que a Tecnologia Educacional ocupa o lugar do ensinar como resolução instrumental, produto da transposição das mencionadas teorias a prescrições para a prática.

A Didática é hoje o campo de formação a partir do trabalho realizado em pesquisa sobre o ensino. Deste modo, entende-se que a referência deveria ser imprescindível para os desenvolvimentos da Tecnologia Educacional, referência essa entendida como construção, ampliação e revisão permanentes. Por outro lado, a Didática assume, por sua vez, a necessária vinculação com os conteúdos que se ensinam e, portanto, a sua produção se realiza não apenas no campo da Didática Geral, como também nas denominadas didáticas especiais.

É ainda necessário afirmar, que a clássica separação entre ciência e tecnologia se apaga na linha dos desenvolvimentos mais atuais. A distinção entre

ciência pura e aplicada, própria da ciência moderna, é superada pela inquestionável interdependência de ciência e tecnologia na atualidade. Isso obriga a pensar, uma vez mais, na dificuldade para estabelecer demarcações que, caso feitas, acabam sendo arbitrárias.

O esforço da reconceitualização talvez ganhe verdadeiro sentido frente à necessidade de ensinar Tecnologia Educacional. Este desafio remete ao compromisso de trabalhar permanentemente na busca de conceitualizações que assumam sua história e permitam reconhecer as particularidades do campo, ao mesmo tempo em que gerem novas colocações.

"Não se trata de um mero problema semântico...[como tampouco] de uma evolução do conceito. Temos antes uma longa série de rupturas, refutações, substituições dos fundamentos teóricos que implicaram modificações substanciais no projeto da Tecnologia Educacional". (ILCE, p.6).

5.2 O Mundo Mítico e a Tecnologia

Para Lemos (2002) doutor em sociologia pela Sorbonne, em artigo disponível da Internet, o termo cyberspaço aparece cotidianamente na imprensa e nas discussões sobre as novas tecnologias de informação. Entretanto, nada é mais difícil de definir ou simplesmente compreender. A idéia que se tem é que o cyberspaço é um conjunto de redes de telecomunicações criadas com o processo digital das informações. Se essa definição dá uma imagem do que venha a ser o cyberspaço, ela não ajuda a compreender todas as suas facetas. Como a fronteira pela qual a sociedade redefine noções de espaço e de tempo, de natural e de artificial, de real e de virtual, o cyberspaço é uma das grandes questões do novo século. Daí a urgência em compreender suas estruturas internas.

Para o mesmo autor, o cyberspaço é entendido à luz de duas perspectivas: como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente virtual (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta (BBS, videotextos, Internet, etc.). O homem está caminhando para uma

interligação total dessas duas concepções do cyberspaço, pois as redes vão se interligar entre si e, ao mesmo tempo, permitir a interação por mundos virtuais em três dimensões. O cyberspaço é assim uma entidade real, parte vital do cybercultura planetária que está crescendo às vistas do homem.

Mesmo sem ser uma entidade física concreta, pois ele é um espaço imaginário - explica Lemos - o cyberspaço constitui-se em um espaço intermediário. Ele não é desconectado da realidade, mas ao contrário, parte fundamental da cultura contemporânea. O cyberspaço é assim um complexificador do real.

Os novos meios de comunicação que coletam, manipulam, estocam, simulam e transmitem os fluxos de informação criam assim uma nova camada que vem se sobrepor aos fluxos materiais que estamos acostumados a receber. O cyberspaço é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível. Ele é dessa forma um espaço mágico; já que caracterizado pela ubiqüidade, pelo tempo real e pelo espaço não físico. Todos esses elementos são característicos da magia como manipulação do mundo.

Depois da modernidade que controlou, manipulou e organizou o espaço físico, a humanidade se encontra diante de um processo de desmaterialização pós-moderna do mundo. O cyberspaço faz parte do processo de desmaterialização do espaço e de instantaneidade temporal contemporâneos, após dois séculos de industrialização moderna que insistiu na dominação física de energia e de matérias, e na compartimentalização do tempo. Se na modernidade o tempo era uma forma de esculpir o espaço, com a cybercultura contemporânea o homem assiste a um processo onde o tempo real vai aos poucos exterminando o espaço.

Lemos (2002) acredita que a cybercultura é a encarnação tecnológica do velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos que perseguem o homem. Nos tempos imemoriais, a potência do imaginário era veiculada pelas narrações míticas, pelos ritos. Eles agiam como uma verdadeira mídia entre os homens e os seus universos simbólicos.

Seguindo essa linha de raciocínio, o autor traça um paralelo entre a existência da cybercultura e a reatualização dos mitos, objeto de crença de Eliade.

Hoje, o cyberspaço funciona um pouco dessa forma. Ele coloca em relação, ele incita a abolição do espaço e do tempo, ele é lugar de um culto secular digital. A racionalidade tecnológica, herdeira da modernidade, anda lado a lado com o simbólico, o mítico e o religioso. Essa mistura vai marcar toda a cybercultura nascente. O cyberspaço é, em consequência, uma casa da imaginação, o lugar onde se encontram racionalidade tecnológica, vitalismo social e pensamento mágico.

Partindo da premissa de que o cyberspaço se comporta como um espaço mágico; e que, se durante a modernidade o espaço e o tempo eram entidades concretas, transformadas pela industrialização; hoje, com o processo de desmaterialização engendrado pelas economias avançadas, o espaço é aniquilado pelo tempo real. Assim, o cyberspaço pode ser visto também como uma fronteira, um espaço intermediário na passagem do industrialismo para o pós-industrialismo. Ele é também como o espelho de Alice, uma passagem do fluxo de informações do mundo contemporâneo. Ele é ainda um rito de passagem obrigatório para os novos cidadãos da cybercultura.

Ainda segundo o artigo de Lemos, os ritos de passagem são rituais que marcam, na vida de um indivíduo ou grupo, a passagem para outro estado, seja ele, biológico ou social. Esses ritos fazem parte de um processo de iniciação (nascimento, casamento, morte, mudança de estação, etc.) criados com o objetivo de preservar uma certa continuidade espaço-temporal e simbólica. Cada um "lugar" de passagem, os ritos se caracterizam por um espaço simbólico intermediário, através do qual um indivíduo ou grupo se integra à globalidade da vida social.

O cyberspaço deve ser compreendido como um rito de passagem da era industrial à pós-industrial, da modernidade dos átomos, à pós-modernidade dos bits, já que existem várias similaridades entre as estruturas dos ritos de passagem e os mecanismos simbólicos do cyberspaço.

O ato de se conectar ao cyberspaço sugere versões dos ritos de agregação e de separação, onde a tela do monitor possibilita a passagem a um outro mundo. A tela é a fronteira entre o individual e o coletivo; entre o orgânico e o artificial; entre o corpo e o

espírito. O cyberspaço é onde se realizam ritos de passagem do espaço físico e analógico ao espaço digital sem fronteiras, do corpo átomo ao corpo bit. Se conectar ao cyberspaço significa ainda, a passagem da modernidade (onde o espaço é esculpido pelo tempo) à pós-modernidade (onde o tempo aniquila o espaço); de um social marcado pelo indivíduo autônomo e isolado ao coletivo tribal e digital.

O cyberspaço, como espaço sagrado, é o lugar privilegiado para observarmos esse reencantamento da tecnologia – continua Lemos. Como todo espaço sagrado, o cyberspaço acolhe um tempo sagrado. Ele é um lugar de hierofanias (manifestações do sagrado). Assim como o cyberspaço é o nome desse novo espaço sagrado, o tempo real é o nome desse novo tempo mágico.

Como toda hierofania, se conectar ao cyberspaço é ter a experiência de uma revelação de um outro mundo, uma irrupção do sagrado em plena luz do cotidiano. Isso fica claro com a fascinação que todo o indivíduo tem ao ver uma máquina fazer coisas (quando na verdade não entende direito como é que ela as faz); com o delírio de se conectar à "*distance homes*" e ver o desenrolar de imagens, textos e ícones os mais diversos; com a absorção de se passar horas sem se dar conta; com antiqüíssimo desejo de alcançar o mundo do conhecimento, da inteligência ou da consciência planetária, etc. Não é exagero afirmar que, no cyberspaço, o homem tem o sentimento de participar de uma hierofania, à uma outra realidade, a um espaço de qualidade distinta (logo sagrado) daquele por onde é possível circular o corpo (sem falar no potencial para futuros desenvolvimentos da realidade virtual de massa "*on line*").

O tempo real (acesso instantâneo, como todo toque de varinha de condão) é similar ao tempo sagrado, circular e reversível. O tempo sagrado do mito é um tempo repetitivo que fixa determinada memória coletiva; e ele é reversível, pois o passado é a fonte do saber na preparação do presente e do futuro. Ele atualiza o "*illo tempore*", o tempo primordial onde tudo veio à existência. O tempo sagrado do mito, assim como o tempo real do cyberspaço, não é o tempo linear e progressivo, mas o tempo de conexões, aqui e agora, um tempo presenteísta, correspondente ao presenteísmo social, contemporâneo.

Circular pelo *Web*, participar dos *MUDs*, recomeçar ao infinito um jogo eletrônico ou um CD Rom, se perder nos "*links*" dos hypertextos, voltar várias vezes à *Home Page* preferida, etc., tudo isso faz do tempo real do cyberspaço um tempo sagrado, circular e reversível. O tempo real da informática é assim correlato ao tempo presenteísta da sociedade contemporânea. Mais uma vez, encontramos a essência da cybercultura: a imbricação entre uma sociedade tribal, emocional e presenteísta e as máquinas do cyberspaço. Hoje os computadores pessoais são cada vez menos individuais e cada vez mais computadores coletivos, máquinas de comunicação.

6 METODOLOGIA - AS FUNÇÕES DOS MITOS PARA O HOMEM

Segundo Bulfinch (2001. p.19), "(...) a criação do mundo é um problema que, muito naturalmente, desperta a curiosidade do homem, seu habitante. Os antigos pagãos, que não dispunham, sobre o assunto, das informações de que dispomos, procedentes das Escrituras, tinham sua própria versão sobre o acontecimento."

O tempo dos mitos, pré-história da filosofia, é o tempo em que o mito reina sem rival, é pois, o tempo em que ele não é reconhecido como tal. A consciência humana afirma-se, desde sua origem, como estrutura do universo. É por isso que, para atingir o sentido do mito, seria um tanto canhestro tomar como ponto de partida uma coleção, uma enciclopédia mitológica. A mitologia é, com efeito, o repertório dos mitos de todas as idades e de todas as origens, destacados do seu contexto vivido, isto é, desnaturados. A empresa mesma de uma mitologia já é o fato de uma época posterior. Ela traduz uma iniciativa refletida, um desejo de sistematização ao qual o homem da idade mítica permanece ainda estranho. Para ele, o mito não é mito, mas a própria verdade.

O mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem adquire de si mesmo e de seu contorno; mais ainda, ele é a estrutura desse conhecimento. Para o primitivo, não há duas imagens do mundo, uma "objetiva", "real" e a outra "mítica", mas uma leitura única da paisagem. O homem se afirma ao afirmar uma dimensão nova do real, uma ordem nova manifestada pela emergência da consciência.

A vida primitiva, em sua simplicidade, aparece falsamente aos olhos do civilizado como a amizade do homem com uma natureza que lhe é muito próxima, e que as técnicas ainda não transformaram num novo universo, complexo e absurdo. O bom selvagem faz sonhar, de Rousseau e Diderot a Melville e D. H. Lawrence, com uma espécie de retorno ao seio maternal do universo. O fato, porém, é que, desde as origens humanas, a harmonia já está rompida. O ato do nascimento da humanidade corresponde a uma ruptura com o horizonte imediato. Jamais conheceu o homem a inocência de uma vida sem fratura. Há como que um pecado original da existência.

O mito guardará sempre o sentido de um longo olhar em direção à integridade perdida, e algo assim como de uma intenção restitutiva. Esta significação vital do mito, seguro de vida, conjuração da angústia e da morte, explica a viva coloração afetiva. Sem dúvida, a consciência mítica se desenvolve em representações, em receitas técnicas. Mas ela é antes uma ambiência de sentimento que corresponde à busca das satisfações exigidas pelos requerimentos humanos fundamentais. Aqui, são os instintos que assumem o comando: instinto de vida, instinto alimentar, instinto sexual. As estruturas míticas exprimem um primeiro estado de valores, aderentes ainda aos vetores biológicos constitutivos do ser no mundo. Sem dúvida, aqui já se esboçam as primeiras sublimações cujo desenvolvimento fará nascer a civilização; mas que ainda não passam de rudimentos e esboços, remotas promessas de futuro.

O mito não é o fim da razão, mas antes o seu começo. E a razão concreta não deve anunciar a agonia da mitologia; mas consagrar-se, isso sim, a uma espécie de retomada dos mitos, uma legitimação e uma discriminação. Os mitos enunciam a matéria da realidade humana, os valores em estado selvagem, e por si mesmo significam indistintamente tanto o melhor como o pior. Aos mitos da ascensão para os cumes opõem-se os mitos da descida aos infernos. Aos mitos do humano, opõe-se a floração monstruosa dos mitos do inumano – do incesto, do morticínio, da guerra, do caos. O mito pertence à ordem da natureza humana; ele desenvolve indistintamente todas as possibilidades desta natureza. O papel da razão crítica será, pois, um papel de purificação. Ela deve fazer passar o homem pela autenticação dos seus valores, da natureza à cultura, vale dizer, à moral.

O que nos revelam todos os mitos e os símbolos, todos os ritos e as técnicas místicas, as lendas e as crenças que implicam, com maior ou menor clareza, a *coincidentia oppositorum*, reunião dos contrários, a totalização dos fragmentos? Segundo Eliade (1991, p.127-129), antes de tudo, uma profunda insatisfação do homem com a sua situação atual, com aquilo que se chama condição humana. O homem sente-se dilacerado e separado. Nem sempre lhe é fácil tomar consciência

perfeita da natureza dessa operação, pois às vezes ele se sente separado de "alguma coisa" poderosa, outra coisa que não ele; outras vezes, sente-se separado de um "estado" indefinível, atemporal, do qual não guarda lembrança precisa, mas da qual se lembra no mais profundo de seu ser: um estado primordial de que usufruía antes do tempo, antes da História.

Ainda segundo Eliade (1991), essa preparação constituiu-se como uma ruptura, nele e no Mundo. Foi uma "queda", não necessariamente no sentido judaico-cristão do termo, todavia uma queda, já que traduzida por uma catástrofe fatal para o gênero humano e, ao mesmo tempo, por uma mudança ontológica na estrutura do Mundo. De certo ponto de vista, pode-se dizer que numerosas crenças que implicam a *coincidentia oppositorum* traem a nostalgia do Paraíso perdido, a nostalgia de um estado paradoxal no qual os contrários coexistem sem confrontar-se e onde as multiplicidades compõem os aspectos de uma misteriosa Unidade.

Afinal de contas, continua Eliade (ibid), foi o desejo de recuperar essa Unidade perdida que obrigou o homem a conceber os opostos como aspectos complementares de uma realidade única. É a partir de tais experiências existenciais, desencadeadas pela necessidade de transcender os contrários, que se articulam as primeiras especulações teológicas e filosóficas. Antes de se tornarem conceitos filosóficos por excelência, o Um, a Unidade, a Totalidade constituíam nostalgias que se revelavam nos mitos e nas crenças e se enalteciam nos ritos e nas técnicas místicas.

No nível desse pensamento, o mistério da totalidade traduz o esforço do homem para ter acesso a uma perspectiva na qual os contrários se anulem, o Espírito do Mal se revele incitador do Bem e os Demônios apareçam como o aspecto noturno dos Deuses. O fato de esses temas e esses motivos arcaicos sobreviverem ainda no folclore e surgirem continuamente nos mundos onírico e imaginário prova que o mistério da totalidade faz parte integrante do drama humano. Ele volta com múltiplos aspectos e em todos os níveis da vida cultural, tanto na teologia mística e na filosofia quanto nas mitologias e nos folclores universais. Tanto nos sonhos e nas fantasias dos modernos quanto nas criações artísticas.

Elíade (1999) fala sempre da reatualização do mito. Para esse autor, alguns rituais comuns aos seres humanos podem ser definidos como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se prende, se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais. Pode-se dizer que a religião, por exemplo, é a reatualização e a ritualização do mito. O rito possui o poder de suscitar ou, ao menos, de reafirmar o mito.

Através do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. O rito toma o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado. Em resumo: o rito é a práxis do mito. É o mito em ação. O mito rememora, o rito comemora.

Rememorando os mitos, reatualizando-os, renovando-os por meio de certos rituais, o homem torna-se apto a repetir o que os deuses e os heróis fizeram nas origens, porque conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. E conhecer a origem das coisas – de um objeto, de um nome, de um animal ou planta – equivale a adquirir sobre as mesmas um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-las, multiplicá-las ou reproduzi-las à vontade. Esse retorno às origens, por meio do rito, é de suma importância, porque voltar às origens é readquirir as forças que jorraram nessas mesmas origens.

Além do mais, o rito, reiterando o mito, aponta o caminho, oferece um modelo exemplar, colocando o homem na contemporaneidade do sagrado.

Segundo Campbell (1990, p.6), "Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana."

À idéia de reiteração prende-se a idéia de tempo. O mundo transcendente dos deuses e heróis é religiosamente acessível e ritualizável, exatamente porque o homem religioso não aceita a irreversibilidade do tempo: o rito abole o tempo profano, cronológico, é linear e, por isso mesmo, irreversível (pode-se "comemorar" uma data histórica, mas não fazê-la voltar no tempo). O tempo mítico, ritualizado, é

circular, voltando sempre sobre si mesmo. É precisamente essa reversibilidade que liberta o homem do peso do tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir o passado, de recomeçar sua vida e recriar seu mundo. O profano é tempo da vida; o sagrado, o tempo da eternidade.

Para Campbell (1990, p.32):

Cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida. Os mitos têm basicamente quatro funções. A primeira é a função mística – e é disso que venho falando, dando conta da maravilha que é o universo, da maravilha que é você, e vivenciando o espanto diante do mistério. Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira.

A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez se manifesta. Hoje, tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: 'Não, não temos todas as respostas. Podemos dizer-lhe como a coisa funciona, mas não o que é.' Você risca um fósforo – o que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada.

A terceira função é a sociológica – suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda uma mitologia da monogamia. Ambas são satisfatórias. Depende de onde você estiver. Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo - e está desatualizada.

(...) Princípios éticos. As leis da vida, como deveria ser, na sociedade ideal. Todas as páginas e páginas de Jeová sobre que roupas usar, como se comportar diante do outro, e assim por diante, no primeiro milênio antes de Cristo.

Mas existe uma quarta função do mito, aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deviam tentar se relacionar – a função pedagógica, como viver uma vida humana em qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar-lhe isso."

Segundo Campbell (1990, p.33), a história que o Ocidente tem vivido, na medida em que se baseia na Bíblia, baseia-se numa visão do universo que pertence ao primeiro milênio antes de Cristo. Não está de acordo com a concepção de universo, nem com a concepção de dignidade humana, que se tem nos dias atuais. Pertence inteiramente a algum outro lugar.

Hoje, temos que reaprender o antigo acordo com a sabedoria da natureza e retomar a consciência de nossa fraternidade com os animais, a água e o mar.

Para Campbell (1990), não se pode prever que mito está para surgir, assim como não é possível prever o que se irá sonhar esta noite. Ambos vêm de tomadas da consciência que precisam encontrar expressão numa forma simbólica.

(...) o único mito de que valerá a pena cogitar, no futuro imediato, é o que fala do planeta, não da cidade, não deste ou daquele povo, mas do planeta e de todas as pessoas que estão nele. Esta é a minha idéia fundamental do mito que está por vir. E ele lidará exatamente com aquilo que todos os mitos têm lidado – o amadurecimento do indivíduo, da dependência à idade adulta, depois à maturidade e depois à morte; e então com a questão de como se relacionar com esta sociedade e como relacionar esta sociedade com o mundo da natureza e do cosmo. [...] e já se encontra aqui: o olho da razão, não da minha nacionalidade; o olho da razão, não da minha comunidade religiosa; o olho da razão, não da minha comunidade lingüística. [...] Quando a Terra é avistada da Lua, não são visíveis, nela, as divisões em nações ou Estados. Isso pode ser, de fato, o símbolo da mitologia futura. Esta é a nação que iremos celebrar, essas são as pessoas às quais nos uniremos."

Para Eliade (1998, p.12) "(...) o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira, porque se refere a realidades. O mito cosmogônico é verdadeiro porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente verdadeiro porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante".

Os mitos relatam as gestas dos Entes Sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, portanto, os mitos são o modelo exemplar de todas as atividades

humanas significativas. Narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras.

Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no 'princípio'. Mas, após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos. Ele é mortal porque algo aconteceu in illo tempore. Se esse algo não tivesse acontecido, o homem não seria mortal – teria continuado a existir indefinidamente, como as pedras; ou poderia mudar periodicamente de pele, como as serpentes, sendo capaz, portanto, de renovar sua vida, isto é, de recomeçá-la indefinidamente. Mas o mito de origem da morte conta o que aconteceu in illo tempore, e, ao relatar esse incidente, explica porque o homem é mortal. (ELÍADE, 1998, p.16).

O mito lhe ensina as "histórias" primordiais que os constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente.

Um homem moderno poderia raciocinar do seguinte modo: eu sou o que sou hoje porque determinadas coisas se passaram comigo, mas esses acontecimentos só se tornaram possíveis porque a agricultura foi descoberta há uns oito ou nove mil anos e porque as civilizações urbanas se desenvolveram no antigo Oriente Próximo, porque Alexandre Magno conquistou a Ásia e Augusto fundou o Império Romano, porque Galileu e Newton revolucionaram a concepção de universo, abrindo o caminho para as descobertas científicas e preparando o advento da civilização industrial, porque houve a Revolução Francesa e porque as idéias de liberdade, democracia e justiça social abalaram os alicerces do mundo ocidental após as guerras napoleônicas, e assim por diante.

De modo análogo, um 'primitivo' poderia dizer: eu sou como sou hoje porque antes de mim houve uma série de eventos. Mas teria que acrescentar: eventos que

se passaram nos tempos míticos e que, conseqüentemente, constituem uma história 'sagrada', porque os personagens dos dramas não são humanos, mas Entes Sobrenaturais. A diferença entre eles é que o homem moderno não se sente obrigado a conhecer a História Universal em sua totalidade e o homem das sociedades arcaicas não somente precisavam conhecer a história mítica, como rememorá-la e reatualizá-la periodicamente em grande parte.

O mito, em si mesmo, não é uma garantia de bondade nem de moral. Sua função consiste em revelar os modelos e fornecer assim uma significação ao Mundo e à existência humana. Daí seu imenso papel na constituição do homem. Graças ao mito, [...] despontam lentamente as idéias de realidade, de valor, de transcendência. Graças ao mito, o Mundo pode ser discernido como Cosmo perfeitamente articulado, inteligível e significativo. (ELÍADE, 1998, p.128).

7 REFLETINDO SOBRE OS MITOS

Como ilustração à pesquisa, foram selecionados alguns mitos (MARTINELLI, 1996, p.103-120), que além do mito de Prometeu, levaram a refletir sobre suas interpretações.

O mito de Teseu

Teseu era filho de uma rainha, Etra, e de um deus, assim como do rei. Ou seja, ele tinha dois pais: Egeu e Posêidon. Numa ilha chamada Creta havia um rei muito poderoso chamado Minos. Ele guardava num labirinto um touro sagrado que nascera dos amores da esposa do rei, Pasífae, com um touro enviado por Posêidon. Muitas vidas foram sacrificadas, oferecidas a esse monstro chamado Minotauro, metade homem, metade touro, que se alimentava de carne humana.

Uma ocasião, Androgeu, filho de Minos, foi a Atenas assistir às Panatenéias e participou dos combates. Atuou de forma tão galharda, que conquistou todos os prêmios. Magoados, os rapazes atenienses mataram-no. Minos, como vingança, sitiou a cidade e exigiu de seus habitantes um tributo que deveria ser pago a cada nove anos, constituído do sacrifício de sete rapazes e sete moças, oferecidos ao Minotauro. Ao aproximar-se o prazo para o pagamento do quarto tributo, Teseu ofereceu-se para acompanhar o grupo como um deles.

Ao chegar a Creta, Teseu encontrou uma linda jovem chamada Ariadne, filha do rei Minos. Apaixonada por Teseu, a jovem princesa, conhecedora das intenções dele, decidiu ajudá-lo.

Ariadne deu a Teseu um novelo de fio para que ele pudesse se guiar dentro do labirinto que encerrava o monstro. Assim, Teseu matou o Minotauro e conseguiu escapar do labirinto. Depois partiu para Atenas, levando Ariadne e Fedra, irmã de sua benfeitora. No caminho, ela abandonou Ariadne na ilha de Naxos, deixando-a inconsolada.

Antes de partir para Creta, Teseu havia combinado com seu pai que, se conseguisse matar o Minotauro, trocava as bandeiras pretas do seu navio, por bandeiras brancas. No entanto, excitado pela vitória, Teseu esqueceu a promessa, e seu pai, vendo a bandeira negra tremular no mastro, acreditou que o filho estivesse morto. Desgostoso, precipitou-se ao mar que a partir de então passou a ser conhecido como Mar Egeu.

Teseu teve sua vitória coroada de tristeza em vez dos louros da alegria.

Interpretação do mito

O mito de Teseu mostra que a força, a coragem e a determinação exigem também respeito pelos sentimentos alheios e gratidão. Sozinhos, esses valores não bastam. É preciso enfrentar as adversidades e os desafios da vida, mas sempre ouvindo o coração, a sabedoria interior.

O labirinto simboliza o *eu* interno; o Minotauro, os temores e negatividades. Ariadne representa as faculdades intuitivas. O abandono de Ariadne por Teseu expressa a identificação com as emoções efêmeras em detrimento da força interior que guia nos labirintos interiores mostrando sempre a saída, a solução.

A vaidade e o egoísmo geraram o descuido e o descaso de Teseu, provocando a morte do rei. O desrespeito ao semelhante provoca dor e demérito.

O mito de Palas Athena

Nascida sem intervenção de mãe, a energia feminina, Athena surgiu da cabeça de Zeus. Nasceu adulta e talentosa. Dominava as artes, tanto as úteis como as ornamentais, assim como a arte do combate pela justiça e pela verdade. Muitos heróis em defesa de causas grandiosas, viam seu vulto majestoso descer dos céus e extasiavam-se diante de sua beleza iluminada pelos olhos cintilantes no rosto de expressão franca e poderosa.

Tão valente quanto Ares, Athena é sábia e cumpridora da vontade de Zeus. É também a deusa da coragem de dizer "não" sem subterfúgios e de defender o que lhe parece correto. Athena sacrifica paixões momentâneas em favor de objetivos concretos.

A comunicação verdadeira muitas vezes é feita quando ouvimos o bom senso. Essa é uma das lições da deusa. Nascida armada e adulta, Athena explicita as defesas interiores e as dificuldades de relacionamento. Guerreira corajosa, não foge de desafios.

Certa vez, Aracne. Uma tecelã talentosa que encantava tanto os humanos quanto os seres mágicos da natureza, desafiou Athena. A deusa, disfarçada de anciã, aconselhou a tecelã a pedir perdão pelo desacato. A jovem manteve-se firme em sua atitude, nem se intimidou quando a velha senhora se transformou na esplendorosa Athena.

A deusa aceitou a competição que consagraria a melhor tecelã. Aracne escolheu como motivo de seus bordados cenas que provavam os erros e enganos dos deuses do Olimpo, com destaque para os disfarces de Zeus em suas conquistas amorosas. Athena bordou a cena de sua luta com Posêidon, representando os doze poderes celestes. Nos quatro cantos da tapeçaria estavam desenhados os momentos de desafio que os mortais se atreveram a impor aos deuses. Athena usou esse recurso para advertir a rival do seu desagrado.

Aracne deixava patente nos bordados sua presunção e atrevimento. Exibia arrogantemente o seu magnífico trabalho. Athena admirou a qualidade da obra, mas indignou-se com o insulto. Com sua adaga, fez o tecido em tiras e, com a mão na testa da Aracne, fez que esta se envergonhasse do seu ato. Tamanho foi o sentimento de culpa de Aracne, que ela, não agüentando o peso da vergonha, enforcou-se.

Athena, irada com a atitude de Aracne, que fugia à responsabilidade de seus atos, tocou o corpo da mortal. Imediatamente a moça se transformou numa aranha, o inseto que tece a teia da sua própria substância. Aracne continuou pendurada, não pela corda do enforcamento, mas pelo fio gerado dela mesma, e prosseguiu fiando e tecendo por toda a eternidade.

Interpretação do mito

Athena é a deusa da combatividade espiritual. Ela simboliza a sabedoria, a justiça e a verdade. O amor combativo em defesa da verdade é o meio de acesso ao autoconhecimento. Para um convívio harmonioso dos níveis de personalidade e o contato com a alma, é preciso enxergar a verdadeira imagem das coisas e pessoas. O escudo de Athena reflete o ser real. Simboliza também o intelecto clarificado, o discernimento. Brotada da cabeça de Zeus, ela é a sua criatividade, intuição e capacidade de elaboração e organização de idéias; a energia feminina de Zeus.

O mito diz que Perseu viu a medusa refletida no escudo de Athena. O reflexo da verdade protege da precipitação enganosa e permite o distanciamento necessário para o reconhecimento das emoções, quer negativas, quer positivas. Promove a autoconfiança e a determinação de atingir a realização dos propósitos.

Athena encarna o intercâmbio de energia e a comunicação fluente entre o hemisfério esquerdo – a objetividade – e o hemisfério direito – a intuição e a criatividade do cérebro humano. É a grande tecelã de idéias que urde os fios dos pensamentos criativos. É também um arquétipo de coragem, prudência e discernimento.

Aracne simboliza a pretensão, o atrevimento e o despeito. No mito, como todo pretensioso, ela prefere morrer a encarar o próprio erro. Aracne é prisioneira de si mesma e aumenta sempre o âmbito da sua cadeia, ou seja, sua teia de arrogância e inveja.

O mito de Indra

Certa vez, o rei dos semideuses, senhor do raio e triunfador dos demônios, teve de enfrentar um monstro terrível que invadiu seus domínios celestes. Um monstro desceu à Terra e engoliu toda a água dos rios, fontes e lagos, deixando o mundo numa seca de dar dó. Aflito e agoniado, Indra demorou a lembrar-se de sua reserva de raios e trovões. Mas, assim que tranqüilizou seu coração com a certeza de que era capaz de ajudar o mundo, lançou seus poderosos raios sobre o monstro

e o destruiu. As águas então fluíram abundantes outra vez. Indra encheu-se de orgulho pelo feito. Considerando-se sempre o mais maravilhoso dos seres, caminhou até a mais alta montanha cósmica, que fica no centro do Universo, e lá decidiu construir um castelo digno de sua grandeza. Chamou o arquiteto dos deuses, que logo fez o projeto e pôs-se a trabalhar.

Toda vez que Indra inspecionava as obras, encontrava um defeito e achava que a construção devia ser mais grandiosa e luxuosa. O arquiteto, desesperado, pressentia que a obra não teria fim. Ambos eram mortais e os desejos de Indra não tinham limites; portanto, ele estaria aprisionado por toda a vida aos caprichos do semideus.

Angustiado, o arquiteto recorreu a Brama, símbolo da força e da graça. Contou-lhe sua história e sua desdita. Depois de ouvi-lo atentamente, Brama disse:

- Não se preocupe. Eu darei uma solução para o caso.

Na manhã seguinte, no portal do palácio em construção surgiu um menino lindo, negro-azulado, vestido ricamente e rodeado de crianças. O porteiro correu a avisar Indra da visita do menino esplendoroso. Curioso, Indra mandou o menino entrar.

- Seja bem-vindo - disse-lhe Indra. - O que veio fazer aqui?
- garoto falou com voz doce e poderosa ao mesmo tempo, voz que ressoou pelos universos afora:
- Ouvi dizer que está construindo um palácio como nenhum Indra teve igual
- !! Indra, indignado, disse:
- Como assim: nenhum Indra? Do que está falando?

O menino replicou:

- Eu tenho visto centenas de Indras vir e desaparecer. Vishnu dorme sobre Secha (a eternidade) no oceano cósmico; o Universo, como um lótus, nasce do seu umbigo. Sentado no lótus, vive Brama, a energia criadora. Brama abre os olhos e o mundo é criado e governado por um Indra. Brama fecha os olhos e tudo desaparece. Brama vive quatrocentos e trinta e dois

mil anos. Quando ele morre, o lótus onde ele se assenta se desfaz e outros lótus nascem, assim como outro Brama. Pense nas galáxias além das galáxias, no espaço infinito, cada universo com seu lótus e seu Brama abrindo e fechando os olhos. E quantos Indras?

Enquanto o menino falava, um exército de formigas passou desfilando. O menino riu e Indra quis saber a razão do riso. Apontando para as formigas, o menino disse:

- Todos são antigos Indras. Através de muitas vidas, eles se elevam das mais baixas condições à mais alta iluminação. Aí, eles lançam um raio sobre um monstro e pensam: "Como eu sou formidável!", e voltam a despencar.

Nesse instante entrou na sala um iogue com uma constelação de pelos no peito. O menino perguntou o nome do velho, e ele respondeu:

- Cabeludo.

Disse que não tinha casa nem família, que vivia a meditar na eternidade e na fugacidade do tempo. Dirigindo-se a Indra, disse:

- Você sabe, toda vez que morre um Indra, um mundo desaparece e cai um fio de cabelo do meu peito. Metade dos pelos já se foram e breve todos terão ido. A vida é curta. Por que construir uma casa?

O menino era Vishnu e o velho, Shiva; eles que foram ensinar a Indra que ele era parte do todo. Indra chamou o arquiteto e suspendeu a construção do palácio. Decidiu renunciar a tudo a praticar a meditação. Sua mulher, a rainha Indrani, aflita, procurou o rishi (sacerdote) dos deuses:

- Ajude-me. Ele resolveu ser iogue renunciante.

O sacerdote dos deuses foi ao encontro de Indra e disse:

- Você é o rei dos deuses, a manifestação do mistério de Brama na esfera do tempo. Saiba apreciar esse alto privilégio e viva como quem você realmente é. Vou escrever um livro sobre a arte do amor. Assim, você e sua mulher saberão que, no maravilhoso mistério dos dois, um Brama está radiantemente presente.

As palavras do sacerdote dos deuses convenceram Indra a desistir da sua intenção de se tornar iogue e o levaram a descobrir que na vida ele representa o eterno como símbolo, pode-se dizer, de Brama.

Interpretação do mito

O mito mostra a ilusão que emperra a capacidade de auto-reconhecimento e na impermanência das coisas; na condição de escolha, no livre-arbítrio. Sair do mundo ou viver no mundo, mas sempre movidos pelo amor, nunca pela culpa ou pelo medo. Ao saber da sua real dimensão e importância, Indra encontrou a paz e cumpriu sua função.

O mito de Hércules

Hércules era filho de Alcmena e de Zeus. Para conquistar Alcmena, Zeus assumiu a forma física de Anfitrião, marido de Alcmena e pai terreno de Hércules.

Hera, a esposa de Zeus, tomada de ciúme furioso, enviou duas serpentes para eliminar Hércules, que, então com oito meses, as estrangulou com as mãos, demonstrando já a prodigiosa força que viria a caracterizá-lo. Quando Athena amamentava o pequeno Hércules, este feriu-lhe o seio ao sugá-lo com grande sofreguidão. Assustada, a deusa repeliu a criança, e o leite que escorreu então acabou por formar no espaço a Via- Láctea.

Aos dezoito anos, Hércules matou um leão que assolava a região. Em seguida participou de várias contendas, e numa delas venceu Ergino, rei de Orcômeno, que exigia de Tebas um tributo anual de cem bois. Como prêmio para essa vitória, Creonte, rei de Tebas, ofereceu-lhe a mão de sua filha Mégara, que deu vários filhos ao herói. No entanto, num acesso de loucura provocado por Hera, Hércules matou a mulher e os filhos a flechadas. Zeus puniu Hera pela perseguição infligida ao herói e manteve a deusa suspensa por uma corrente de ouro entre o céu e a terra.

Para se purificar do crime, Hércules consultou o oráculo de Delfos, que lhe ordenou dirigir-se a Tirinto e colocar-se a serviço de Euristeu durante doze anos.

Sob as ordens deste, realizou os feitos que ficaram conhecidos como "Os Doze Trabalhos de Hércules": a morte do leão de Neméia, a captura do touro de Creta, a captura do javali de Erimanto, a tomada do cinturão de Hipólita, a limpeza dos estábulos de Áugias, a destruição da hidra de Lerna, a captura do gado vermelho de Gerião, a morte dos pássaros de Estinfalo, a captura das éguas antropófagas, a captura do cervo de pés de bronze, as maçãs de ouro das Espérides, a morte de Cérbero, o guardião de Hades.

Vencedor, o herói procura o amor estável, já que sempre sofreu com seus impulsos afetivos e suas escolhas amorosas.

Hércules casou-se com Dejanira e foi morar em Cálidon, junto do sogro Eneu. Por fatalidade, matou involuntariamente Eunomos, filho de Arquiteles, parente de Eneu, o que o obrigou a exilar-se, com Dejanira e o filho Hilo. Durante a viagem, lutou com o centauro Nessus, que, vencido, ofereceu a Dejanira, como vingança, uma poção que dizia tratar-se de um filtro de amor capaz de fazê-la reconquistar o marido caso ele fosse infiel. Ela aceitou o presente.

Prosseguindo viagem e após inúmeras aventuras, Hércules venceu Eurito e fez de Ióle, filha do rei, sua amante. Pediu a Dejanira uma túnica para usar nas festividades de comemoração à vitória. Dejanira, porém, sabendo da aventura amorosa do marido com Ióle, embebeu a túnica na poção recebida de Nessus. Dejanira, acreditando que a túnica iria reanimar a paixão do marido, enviou a roupa encantada a Hércules.

A roupa colou-se à pele de Hércules e queimou-a como fogo. Atormentado pela dor e sem conseguir desvencilhar-se da vestimenta, ele subiu a encosta do monte Eta, ergue uma pira, de carvalhos e pinheiros, na qual se atirou. Quando o fogo lhe atingiu o corpo, um trovão reboou e Hércules foi elevado ao céu, onde Zeus recebeu seu filho preferido.

No Olimpo, Hércules reconciliou-se com Hera. Casou-se com Hebe, a deusa da juventude eterna, filha de Hera. Assim, Zeus, feliz com a chegada de Hércules ao Olimpo, perdoou Hera e libertou-a também. O herói foi então divinizado.

Interpretação do mito

Hércules é símbolo da força do homem que, mesmo imerso no mundo material e vítima dos apelos e influências do meio onde vive, segue o caminho da alma e enfrenta os reveses e obstáculos vencendo as próprias tendências inferiores na busca do seu objetivo. Hércules é a consciência despertada que realiza seus trabalhos e reconhece sua capacidade. Como filho mítico de Zeus, está destinado a vencer, ou seja, é herdeiro de sua força e poder espiritual. Tendo sido alimentado por Athena, foi nutrido pela combatividade espiritual que ela representa, estando destinado a sair vencedor de si mesmo. Existem versões que colocam Hera como nutriz, e ela teria por engano alimentado o objeto do seu ódio.

Da mesma forma, sendo Hera símbolo do amor sublime, manifestando no condicionamento da matéria suas paixões, ela é o alimento fecundador da alma, e o conflito da mente entre a força do espírito e o amor possessivo e ciumento.

Mesmo submetido a Euristeu, às circunstâncias do mundo exterior, ele fez disso a oportunidade de conhecer e dominar seus defeitos e qualidades. Hércules nunca se envaidece de seus feitos: é o guerreiro do espírito. Sua agressividade nunca é gratuita; está sempre libertando pessoas e lugares de algum mal - é alguém a serviço do bem. Essas qualidades superam suas deficiências, fazendo, das dificuldades, oportunidades de aprendizado. Descobriu as próprias qualidades e forças latentes e utilizou-as de maneira correta, buscando o aperfeiçoamento e a sintonia com a divindade.

Enfrentou a dualidade da vida matando as serpentes ainda no berço, mostrando sua disposição de busca de si mesmo. É o homem nos seus aspectos humano e divino, um guerreiro do espírito lutando contra a identificação com a

matéria transitória e perecível. A oposição entre Hera e Zeus minou sua vida. A reconciliação de Zeus e Hera libertou a deusa da punição de Zeus e redimiu Hércules pelo amor divino. Zeus é a potência extraordinária, o espírito imortal; Hera, o amor submetido às oscilações instintivas, e ficam em oposição. A reconciliação simboliza a conquista da consciência pelo amor incondicional.

O sacrifício de Hércules, ou seja, a purificação dos impulsos sensoriais, amaina o poder devastador das paixões inferiores e liberta a alma.

O mito de Belerofonte

Belerofonte era filho de Posêidon, sendo Glauco seu pai putativo. Banido da cidade por ter matado um tirano de Corinto, Belerofonte fugiu para Tirinto, onde se abrigou na corte do rei Proteu. A rainha, Estenebéia ou Antéia, apaixonou-se pelo herói, mas, não correspondida, acusou-o ao marido de tentar seduzi-la. Proteu enviou-o ao rei da Lícia, Iobates, com uma mensagem: o rei devia matá-lo. Para não infringir as leis da hospitalidade, o rei encarregou-o de realizar vários trabalhos, que certamente o levaram à morte. Um deles consistia em destruir Quimera, um terrível monstro cujo corpo era metade leão, metade cabra, tinha cauda de dragão e vomitava chamas pelas narinas, causando devastação, destruindo rebanhos e devorando seres humanos.

Antes de ir ao encontro do monstro, o herói foi ao templo de Athena, passando lá a noite. Durante o sono, a deusa apareceu e entregou-lhe uma rédea de ouro, além de fazê-lo ver o cavalo alado Pégaso. Segundo suas palavras, assim que o cavalo visse a rédea de ouro deixaria que ele o montasse sem resistência. Assim aconteceu. Pégaso levou Belerofonte em seu dorso, levantou vôo e ao avistar a Quimera lançou-lhe sobre ela e a matou com um só golpe.

Belerofonte foi exposto a novos perigos em tarefas impostas pelo rei, mas Pégaso sempre o ajudou a vencê-las. Vendo que o herói era protegido pelos deuses, o rei deu-

lhe a filha em casamento e ele tornou-se o herdeiro do trono. O orgulho e a pretensão tomaram conta de Belerofonte. O herói acreditava-se invencível e quis subir ao Olimpo montado em seu corcel alado para tornar-se imortal, mas Zeus enviou um emissário para atormentar Pégaso. O cavalo, irritado, atirou Belerofonte ao chão. A partir desse dia, ele andou errante pelo mundo, coxo e cego.

Interpretação do mito

Belerofonte é símbolo de imprudência, mas também de inocência e pureza de intenção. A pretensão vaidosa vitimou o herói, que se tornou incapaz de dominar o monstro interior da exaltação orgulhosa. O monstro Quimera é a ilusão que expressa o desafio básico do ser humano. O germe da perversão está sempre latente. Não se pode permitir que uma vitória sobre os defeitos ou sobre os obstáculos na vida leve o homem a ultrapassar os limites da sensatez. A tendência do indivíduo é usar uma vitória sobre sua natureza inferior, como apanágio para desistir do processo de auto-aperfeiçoamento baseado no orgulho tolo e insensato.

Voltando ao mito: no início da aventura, Belerofonte venceu graças à pureza e à força de sua inocência; ele superou a intriga tramada contra ele, ajudado pela deusa Athena, símbolo da combatividade pela verdade. A intervenção de Athena mostra que o ser humano só encontra condições de vencer a ilusão quando conta com suas qualidades espirituais passíveis de elevá-lo acima das garras da Quimera.

A impetuosidade pode levar à multiplicação de desejos e à presunção. Pégaso, o cavalo das musas, é a abstração criativa - quando o herói é derrubado do corcel, sai derrotado e incapacitado. Sem o poder de abstração, o ser humano não justifica sua condição como criação de Deus. Sempre que o homem se desliga das suas virtudes essenciais, fica amarrado às suas negatividades e estaciona ou vive suas experiências pela metade.

O mito de Perseu

Perseu era filho de Zeus e Dânae. Acrísio, avô de Perseu e rei de Argos, soube, por um oráculo, que sua filha Dânae teria um filho que o mataria. Assim, mandou construir uma grande arca de madeira, na qual encerrou mãe e filho, e atirou-a ao mar. A arca chegou a Serifo e foi encontrada por um pescador que levou Dânae e Perseu ao rei Polidectes, que os acolheu bondosamente.

Polidectes apaixonou-se por Dânae e decidiu casar-se com ela. Porém, com receio de que o enteado pudesse usurpar o trono, concebeu um plano para eliminá-lo: ordenou-lhe buscar a cabeça de Medusa, uma das Górgonas, monstros medonhos que andavam devastando o reino. Medusa tinha sido uma linda moça, que se orgulhava principalmente dos seus cabelos. Certo dia, resolveu rivalizar com Athena em beleza. Furiosa pelo atrevimento de Medusa, a deusa transformou seus cabelos em horripilantes serpentes. Ela tornou-se, desde então, um monstro cruel e nenhum ser vivo podia olhá-la de frente, sob pena de virar pedra. Muitos homens e mulheres que ousaram fitá-la transformaram-se em estátua.

Perseu aceitou a tarefa. Com o escudo dado por Athena, as sandálias de Hermes e o capacete de Hades que tornava invisível aquele que o usasse, Perseu saiu à procura de Medusa. Ao chegar ao reduto das Górgonas, observou que Medusa dormia. Cautelosamente, sem olhar para o monstro e guiando-se pela imagem da criatura refletida no escudo de Athena, a decapitou. Colocou a cabeça num saco e partiu.

No caminho da volta, Perseu passou pelos domínios de Atlas, dono dos mais belos jardins que já existiram, com árvores e frutos de ouro. Quando lhe pediu pousada, Atlas recusou, pois uma profecia advertia-o a não confiar nos filhos de Zeus. Ofendido, Perseu roubou os pomos das Hespérides e, a seguir, mostrou a Atlas a cabeça de Medusa; o gigante então se transformou numa cadeia de montanhas. Os céus e as estrelas são testemunhas do fardo eterno que Atlas carrega em seus ombros, o mundo. Montado em Pégaso, Perseu desapareceu no firmamento.

Interpretação do mito

No espelho de Athena o homem enxerga seu "eu" verdadeiro e não o "eu" que acredita ser. Por ter enfrentado a verdade refletida no escudo da deusa, Perseu adquire força e condições de vencer a si mesmo, as falsas valorizações e as falsas crenças. Suporta a imagem dos seus defeitos representados pela Medusa cruel e ressentida. Hermes lhe oferece agilidade de raciocínio e a espada da determinação. Pégaso, a inspiração e sublimação, renasce, liberto pela coragem. O cavalo das Musas, símbolo da criação artística, surge da morte da crueldade, do orgulho, da violência e do despeito. A intuição brota da morte dos aspectos inferiores da personalidade.

A imaginação doentia morre para poder nascer a imaginação criadora. A vida, vista através de sentimentos inferiores como paixões e competição, torna-se uma arena em que vaidade e egoísmo saem vencedores, deformando a verdade. Perseu leva a cabeça de Medusa, simbolizando seu destemor e sua intenção de encarar as dificuldades no caminho do autoconhecimento. A vitória de Perseu não foi apenas a morte de Medusa, mas o levar a cabeça, ou seja, a adesão à verdade na busca de si mesmo.

O escudo de Athena lhe mostrou também suas qualidades positivas. Atlas, embora grande, forte e poderoso, deixa-se levar pelo medo que alimenta o apego. Carrega o fardo da insegurança e do isolamento. Imobilizado por seus próprios conflitos interiores, Atlas não sabe ser generoso, nem consegue compartilhar. O pânico, a pressuposição, o conceito prévio o petrificam.

O mito de Prometeu

Prometeu era um titã, uma raça gigantesca que habitou a Terra antes do homem. Prometeu significa previdente, prudente; tinha um irmão, Epimeteu, que significa imprevidente, imprudente. Os dois irmãos foram incumbidos de fazer os animais com todas as faculdades necessárias à sua sobrevivência. Observando a

natureza e os deuses, Prometeu engendrou do barro lodoso o homem. Sua criatura não tinha vida e, para animá-la, Prometeu recorreu a Athena. A deusa, protegendo o titã com seu manto de invisibilidade, ajudou-o a roubar do carro de Apolo, do sol, o fogo divino. O fogo divino foi insuflado no homem e este é capaz de criar e transformar a natureza. Zeus tomado de ira, exigiu reparação. Prometeu dispôs-se a oferecer um sacrifício ao deus para aplacar sua indignação. Matou um boi e, depois de esfolar o animal, encheu o couro com ossos e estufou-o com ervas; com a carne formou outro boi menor, pediu a Zeus que escolhesse um deles e enganou o deus. Quando Zeus percebeu o logro, castigou Prometeu enviando Pandora, uma mulher com atributos e encantos cedidos pelos deuses e deusas do Olimpo. Pandora trazia consigo uma caixa que ofereceu a Prometeu; ele recusou-a, mas Epimeteu, curioso, encarregou-se de abrir a caixa. Na caixa estavam todas as alegrias e as mazelas humanas, doenças, dores e enganos, que escaparam e se espalharam pela Terra. No fundo da caixa restou algo, a esperança, para dar ao homem condições de suportar o mundo e suas provações. Zeus mandou Hefáistos aprisionar Prometeu, acorrentando-o ao monte Cáucaso e condenando-o a ter todas as manhãs o seu fígado devorado por uma águia. À noite, o fígado se refazia para, no dia seguinte, o suplício ter continuidade. Hércules libertou Prometeu movido pela compaixão e Zeus o perdoou e libertou.

Interpretação do mito

Para modelar o homem, Prometeu utilizou a terra iodosa, símbolo do que prende o indivíduo à condição animal, dos instintos primitivos. Quando quer dar vida à sua criatura, ele recorre ao fogo do espírito refletido no intelecto. Não é a luz do espírito ainda, pois nesse caso o intelecto está a serviço da supremacia do homem sobre as demais criaturas e não a serviço do autoconhecimento. É a discórdia entre matéria e espírito, dissociando a essência da aparência. O pecado original. Zeus não se impõe ao homem por ter este recebido o fogo dos deuses; sua ira deve-se à

precipitação de Prometeu. Ele teme as conseqüências que o intelecto longe do espírito pode trazer. O intelecto, a serviço apenas dos prazeres sensoriais, pode impedir a descoberta do real sentido da vida e banalizar-se. Quando Prometeu engana Zeus, ficando com a melhor parte do boi, isso significa a revolta do intelecto contra o espírito pela exaltação das paixões e desejos mundanos. Pandora é a ilusão a que o ser humano está exposto, a caixa é a condição humana, sujeita a altos e baixos, à grandeza e à fragilidade. Prometeu resiste a Pandora, mas é atingido pelo efeito da caixa, fica vulnerável e é acorrentado ao Cáucaso, ou seja, à densidade. É libertado por Hércules (o homem divinizado) que reconcilia Prometeu (o intelecto) com Zeus (o espírito), eliminando o pecado original pela redenção do reencontro de essência e aparência, forma e conteúdo. Athena, a combatividade pela verdade, ajuda Prometeu a conseguir o fogo dos deuses, mas a coragem, o espírito de sacrifício, a renúncia e a compaixão de Hércules libertam Prometeu, trazendo a luz do espírito à consciência.

O mito de Hefaístos

Hefaístos nasceu de Hera; quando do seu nascimento, sua mãe estava furiosa com Zeus, seu marido. Ele nasceu sem participação de nenhum deus; foi gerado por partogênese, assim como Athena nasceu sem participação de nenhuma deusa ou mortal, gerada por Zeus, saída de sua cabeça. O despeito de Hera fez Hefaístos nascer um ser muito feio, com pés deformados. Ela, horrorizada, jogou-o no Olimpo e esqueceu-se dele. Ele desceu aos infernos e lá ficou meditando. Perguntava-se por que era órfão e mal-amado. Odiava Hera com todas as suas forças. Era extremamente hábil, forjava objetos utilitários, mas sentia um bloqueio nas suas emoções e criações. Sofria tanto o abandono quanto sua deformidade. Não podia crer nos seus talentos, era evitado até pelos seres de Hades por sua disposição amarga e melancólica. No mundo subterrâneo, ardia de ressentimento e tramava sua vingança contra Hera. Queria que ela sentisse o que era ser abandonado. Talhou um trono e o ofereceu a Hera; quando a deusa sentou-se no trono,

correntes a prenderam. Prisioneira e suspensa no ar, ela ficou numa espécie de balanço, no limbo, nem acima nem abaixo, e totalmente só. Em vez de ficar feliz, Hefaístos sentiu-se mais miserável do que nunca. Muitos deuses haviam implorado o perdão para Hera, mas Hefaístos se negava, até que Dionísio retirou o anão ressentido dos infernos, enquanto ele dormia, e levou-o ao Olimpo, elevando sua consciência. Hefaístos foi transportado no lombo de um humilde asno; ao despertar, sentiu-se livre e pleno de alegria por ter bebido da taça do perdão oferecida por Dionísio. Soltou as correntes que prendiam Hera e libertou-se, libertando-a. Tornou-se o artesão dos deuses, entrou no Olimpo como o mais criativo e habilidoso dos seus habitantes.

Interpretação do mito

O mito de Hefaístos ajuda a trabalhar os valores: perdão, generosidade e auto-aceitação. As emoções fixas, como teimosia e orgulho ferido, geram dor e isolamento; Hefaístos, quando elevou sua consciência, pode forjar no seu fogo interior e livrou-se, livrando Hera das amarras do ressentimento. Quando o ser humano perdoa, desperta para o amor, a compaixão e a compreensão. Ao se ver livre da amargura e da autopiedade, Hefaístos libertou sua criatividade e seus talentos.

O mito de Ganesha

Ganesha é o senhor dos obstáculos, o guardião das portas e dos mistérios, nascido apenas de sua mãe Pavarti; retirado da própria substância dela. A deusa certo dia decidiu criar para si, de si mesma, um servidor e guardião. Raspou sua pele perfumada e dela nasceu Ganesha, belo, bem desenvolvido, forte, vigoroso e valente.

Olhando Ganesha cheia de ternura, Pavarti disse: "Você é meu filho e só pertence a mim". Encantada, cobriu o jovem de beijos e entregou-lhe uma clava, dizendo-lhe para defendê-la diante da porta dos seus aposentos.

Shiva, consorte de Pavarti, chegou e quis entrar; o jovem impediu-o e, apesar das tentativas e esforços de Shiva para convencê-lo dos seus direitos de esposo, Ganesha foi irredutível, não o deixou passar.

A fúria de Shiva foi imensa; chamou seus subordinados para afastar Ganesha da porta, mas foi inútil, o rapaz venceu-os todos. O exército de Shiva foi derrotado e isso deixou o deus mais irritado ainda. Pegou o seu tridente e cortou a cabeça de Ganesha.

Pavarti entrou em desespero inconsolável e, ao ver a dor da deusa, Shiva, para consolá-la, ordenou que o primeiro animal que aparecesse fosse reduzido à sua presença. O primeiro animal foi um elefante, cuja cabeça foi cortada e unida ao corpo de Ganesha.

Ressuscitado, o filho da Mãe do Mundo foi nomeado o senhor dos exércitos de Shiva; os "ganas", gênios do céu. Entre os gênios estavam os "vighnaganas" os obstrutores, que dificultam as realizações e provocam erros que desviam os homens de sua meta. Por isso, Ganesha é Vighneshvara, o senhor dos obstáculos. Só a sua benevolência permite a superação das dificuldades. É o mestre da iniciação, dos mistérios e dos ritos pelos quais os obstáculos podem ser removidos ou evitados. Essa é a razão de ser ele invocado antes de qualquer ritual ou cerimônia religiosa hindu. Deuses e homens homenageiam Ganesha.

O deus, com corpo de homem e cabeça de elefante, quatro braços, ventre avantajado, tem como veículo o rato. É representado sentado em uma enorme flor-de-lótus ou dançando num pé só. Quando sentado, tem o rato aos seus pés. Em cada mão carrega um símbolo. O machado de lâmina dupla, o "pasha", ou seja, o látigo formando o princípio e o fim para a volta ao infinito, na mão espaldada, abençoando, traz o desenho do sol, e na outra mão traz um pote com doces. O rato aos seus pés tem um prato de comida à sua frente; ao invés de comer o rato olha para o deus. É a energia divina que alimenta o intelecto, clarificando, removendo os obstáculos internos e externos.

Simbolismo do mito

Ganesha simboliza a unidade fundamental do macrocosmo e do microcosmo. A cabeça de elefante simboliza a memória, a sabedoria e o discernimento, pois, com a tromba, o elefante pode arrancar uma árvore, assim como delicadamente escolher a folha mais tenra para comer. O ser divino e animal, o imensurável e o individual. Os quatro braços representam o poder e a unidade das polaridades. O machado é a transformação: destrói para construir. O "pash" é a justiça, o cumprimento do processo evolutivo. A benção representa a eliminação do medo. O pote com doces representa que o amor de Deus é o mais doce e nutritivo dos alimentos. Pavarti é o poder da ação; Shiva, a fonte de todo o poder; Ganesha, o poder de discernimento, a sabedoria do que é certo e do que não é. O rato são instintos e impulsos inferiores.

Como é possível constatar, os mitos tratam basicamente do comportamento humano diante da natureza e da sua própria natureza, ou seja, dos seus aspectos mentais, físicos, intelectuais, psíquicos e espirituais.

A mitologia, ao expressar o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas, serve como referencial para o homem em suas relações com o mundo e consigo mesmo. Não somente para o homem da era mitológica, mas para todos os homens, em qualquer estágio de sua evolução, pois trata de despertar os valores humanos no sentido do autoconhecimento e do conhecimento da origem das coisas e dos seres. E mais do que isso, mostrar caminhos para vivências realmente merecedoras de se chamarem humanas..

Vimos que durante sua trajetória as civilizações foram marcadas por mudanças profundas, graças à característica do homem de buscar respostas, buscar conhecimento para poder solucionar seus problemas.

Hoje, deter o conhecimento acumulado, apenas, não é o fator diferencial. O que poderá representar a diferença para o homem atual, para ter acesso à complexidade desta nova "onda", é a sua capacidade de transformar as informações em conhecimento útil, aplicável à realidade e cujos benefícios possam atingir o maior número de pessoas.

A proposta de Paulo Freire é metaforicamente como o "fogo" dado por Prometeu, que serviu a todos os homens. O mito de Prometeu fala do "fogo do espírito" refletido no intelecto; do temor às conseqüências que o intelecto, longe do espírito, podem trazer. A democratização do ensino, para Freire, é a dimensão abrangente da educação, a educação para todos, sem distinção. É a luz do espírito à consciência.

Privilegiar alguns simboliza o não reconhecimento da totalidade, assim como usar apenas "os braços do trabalhador" significa desprezar sua integralidade.

Essa visão de totalidade remete à necessidade de generalizadores mais do que de especialistas, para que possam sistematizar os novos padrões de relacionamento do homem com o mundo. E o mundo agora, erguidas as cortinas, abertas as fronteiras, é a grande comunidade planetária, econômica, política, educacional e socialmente interligada e interdependente.

Isso porque, os mitos de hoje, da era tecnológica, reatualizados, contextualizados e caracterizados pelo pensamento em rede, não admitem mais a fragmentação. Na comunhão e concretização de idéias é que serão alcançados os ideais de preservação do planeta e continuidade das espécies.

Os mitos de Palas Athena e de Orfeu e Euridice falam da criatividade, da autoconfiança e da determinação. Algumas gerações nasceram para criar, e para criar é preciso coragem e prudência. As gerações que promoveram o industrialismo, a grande mudança histórica, foram compelidos, por força das circunstâncias, à criatividade.

O mito de Hércules ensina que o poder espiritual desperta a consciência, o homem vencendo a si próprio, vencendo o sentimento de posse.

O homem atual precisa dessa consciência para compreender que o único poder que se tem é sobre si mesmo.

E poder, nos faz pensar em força política, em vida política. Em parte alguma, está a obsolescência mais avançada ou mais perigosa do que nas políticas atuais; em campo algum se encontra hoje menos imaginação, menos experimentação, menos disposição para contemplar mudança fundamental.

E é sobre o auto-reconhecimento que fala o mito de Indra. Conhecer o seu potencial para compartilhá-lo com os outros, em benefício de todos.

E a ilusão da vitória é mostrada no mito de Belerofonte, cuja mensagem é não deixar que a vitória leve o homem a ultrapassar os limites da sensatez e desistir do processo de auto-aperfeiçoamento, ou seja, de fazer da educação um processo permanente.

No mito de Perseu, Hermes representa a agilidade de raciocínio. O homem de agora precisa dessa agilidade para poder acompanhar o ritmo acelerado das mudanças, sem apegos, para não carregar o fardo da insegurança e do isolamento.

O mito de Ganesha é a simbolização da unidade fundamental do macro e do microcosmos, a unidade das polaridades. Transformação e justiça, cumprimento do processo evolutivo.

Transformação das políticas educacionais e justiça social, são elementos imprescindíveis para uma democracia dilatada, que deve juntar-se ao processo de criação de uma nova civilização.

8 CONCLUSÃO

A pesquisa permitiu o esclarecimento do problema proposto, na medida em que foi confirmando a hipótese levantada, de que vivemos tempos de revitalização dos mitos e de que na busca dos referenciais mitológicos, encontra-se a verdadeira natureza do homem, seus valores mais preciosos e os caminhos para o autoconhecimento, como forma de auto-aceitação e auto-aperfeiçoamento.

A educação encarada como alavanca para o desenvolvimento sócio-econômico-político e cultural, inserida no âmago da sociedade global, pode deixar de reproduzir padrões que não mais respondem às expectativas dessa sociedade, se acelerar seus processos, com vistas a acompanhar uma nova civilização. Uma civilização que já deixou para trás a especialização, a padronização, a centralização e outras características do industrialismo, os sistemas autoritários, as educações para elites e o tecnicismo.

A era de uma nova consciência se impõe, pelas próprias crises que sofrem todos os segmentos da atividade humana, e solicitam a união dos propósitos internacionais em prol de uma democracia de poder de minoria partilhado, uma democracia mais direta, favorecendo o transnacionalismo como devolução fundamental do poder.

O novo tempo exige a destruição das burocracias gigantescas, um sistema de energia renovável e menos centralizado; quer opções legítimas para a família nuclear; luta por mais individualização nas escolas; solicita toda a tecnologia a serviço da educação para todos; coloca uma alta prioridade nos problemas ambientais e reconhece a necessidade de reestruturar a economia numa base mais equilibrada e justa.

Nesse sentido é que a mitologia serve e sempre servirá como modelo exemplar, em todos os tempos, para que o homem, a despeito de suas dificuldades, inseguranças e incertezas, encontre no seu mundo interior, todos os requisitos,

todas as possibilidades de se adaptar ao mundo exterior e de transformá-lo num mundo melhor para si e conseqüentemente para os seus semelhantes.

É certo que tais mudanças não acontecerão sem lutas, mas luta como sinônimo de esforço coletivo. Se houver flexibilidade e inteligência nessa construção, independentemente das circunstâncias que diferem de país para país, é possível que elas possam ser feitas pacificamente. Isso porque nunca houve na História da Humanidade, tantas pessoas instruídas, armadas coletivamente com um âmbito tão incrível de conhecimentos. Nunca tantos gozaram de um nível tão alto de abundância, precária talvez, mas ampla bastante para permitir tempo e energia para preocupação e ação cívicas. Nunca tantos puderam viajar, comunicar-se e aprender tanto de outras culturas.

As elites, por mais esclarecidas que sejam, não podem por si mesmas fazer uma civilização. Serão requeridas as energias de todas as pessoas, a imaginação coletiva para projetar novas instituições e constituições totalmente novas.

Como nos diz o mito, para criar é preciso prudência além da coragem, portanto, uma reorganização maciça e cataclísmica única, imposta do topo, não seria aconselhável, mas sim, milhares de experiências descentralizadas, conscientes, com visão holística, como ensaios de novos modelos.

A humanidade de hoje, tem um destino a criar e a criação de um mundo é "um problema que, muito naturalmente, desperta a curiosidade do homem, seu habitante."

REFERÊNCIAS

- BRUNEL, P. (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- BULFINCH, T. **O Livro de ouro da mitologia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Atenas, 1990.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **A era da consciência**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997.
- ELIADE, Mircea. **Mefistófoles e o andrógino**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano. A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FIALHO, Francisco. **Ciências da cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GUSDORF, G. **Mito e metafísica**. São Paulo: Convívio, 1979.
- LEMOS, André. **Cybercultura**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/>> Acesso em: 03 mar. 2002.
- LITWIN, Edith. **Tecnologia educacional – políticas, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MACHADO, C. R. B.; KUNTZE, D. P. A práxis em Paulo Freire. In: **Um diálogo com Paulo Freire**. SOUZA, A. M. Borges de (Org.). Florianópolis: CEDF/UFSC, 1998.
- MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transformação**. O programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996. (Série Educação para a Paz).
- SCHWARTZ, Gilson. **Paulo Freire digital – interação, comunidade e informalidade**. Disponível em: <<http://www.usp.br/iea/cidade/textos/freiredigital.html>> Acesso em: 03 mar. 2002.
- TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

APÊNDICE 1 - INSTRUMENTO DE SONDAGEM - VALORES HUMANOS

Caro (a) Professor (a),

Na condição de mestranda em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina e com o objetivo de complementar minha dissertação intitulada “A instrumentalidade do mito para estabelecer o acesso à complexidade na era tecnológica”, gostaria de poder contar com o seu apoio para as questões que lanço no documento anexo.

As suas respostas serão de fundamental importância para que eu possa levantar dados sobre ‘valores humanos’ na prática educacional.

Esclareço que a escolha de seu nome se deu por critérios aleatórios de amostragem.

Desde já agradeço a sua participação neste trabalho.

Atenciosamente,

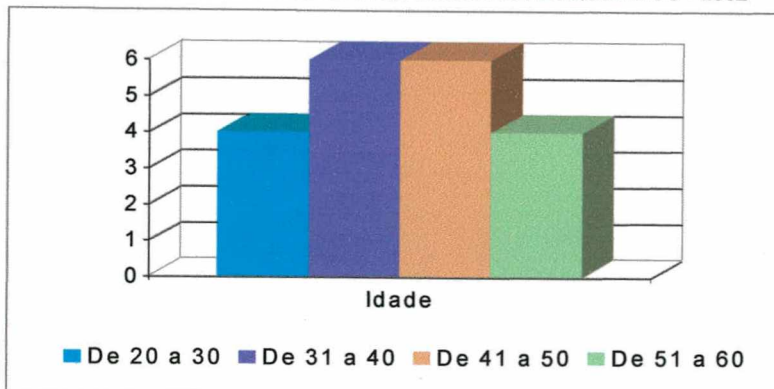
Prof.^a Wilma Rocio da Costa

INSTRUMENTO DE SONDAGEM - VALORES HUMANOS

A presente sondagem foi realizada em escola da rede particular de ensino, na cidade de Curitiba, PR, com 20 professores que trabalham com alunos da 4.^a à 8.^a séries do Ensino Fundamental e alunos da 1.^a série do Ensino Médio.

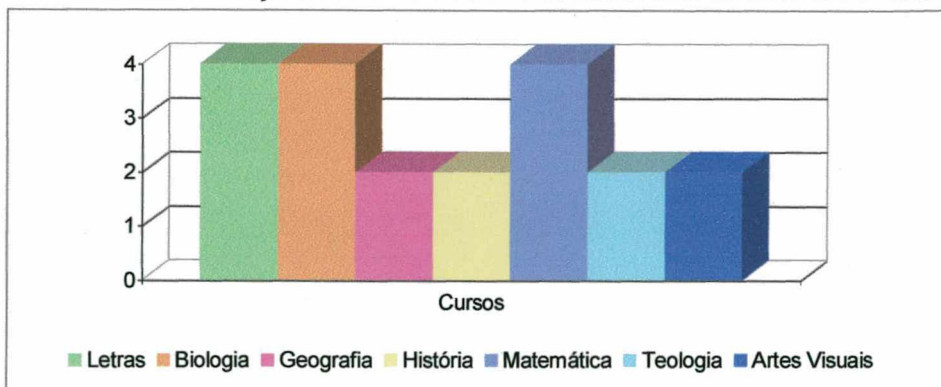
O objetivo da sondagem foi a complementação da pesquisa bibliográfica sobre valores humanos, que resultou no levantamento dos seguintes dados:

GRÁFICO 1 - FAIXA ETÁRIA DOS PROFESSORES PESQUISADOS - 2002



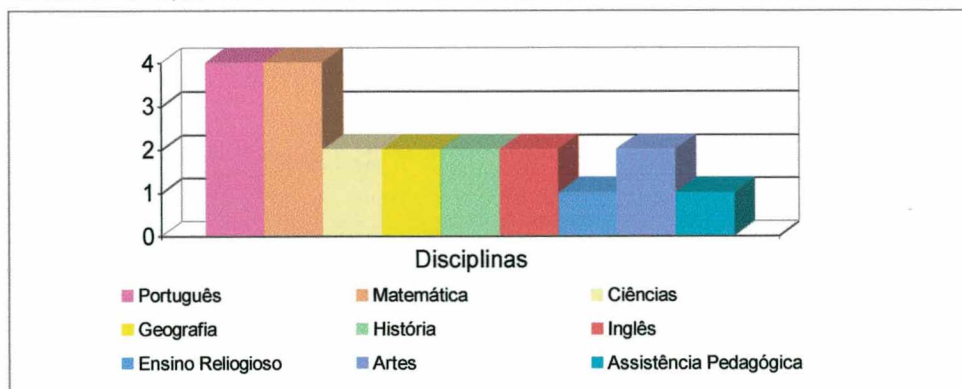
FONTE: Pesquisa de campo

GRÁFICO 2 - FORMAÇÃO SUPERIOR DOS PROFESSORES PESQUISADOS - 2002



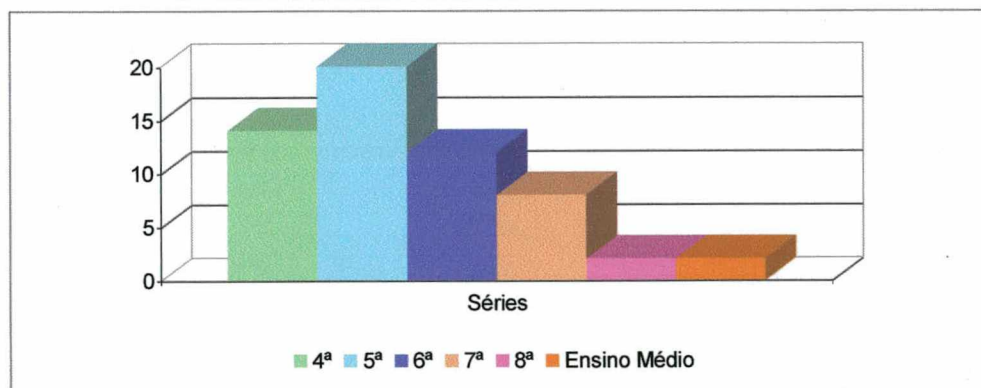
FONTE: Pesquisa de campo

GRÁFICO 3 - DISCIPLINAS MINISTRADAS PELOS PROFESSORES PESQUISADOS - 2002



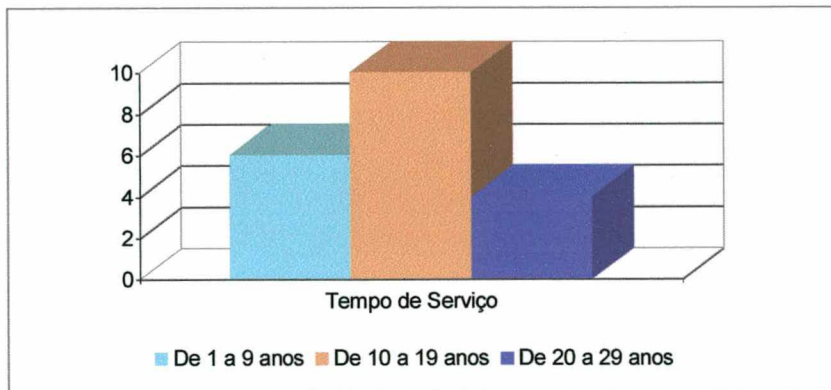
FONTE: Pesquisa de campo

GRÁFICO 4 - NÚMERO DE PROFESSORES PESQUISADOS QUE LECIONAM NAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - 2002



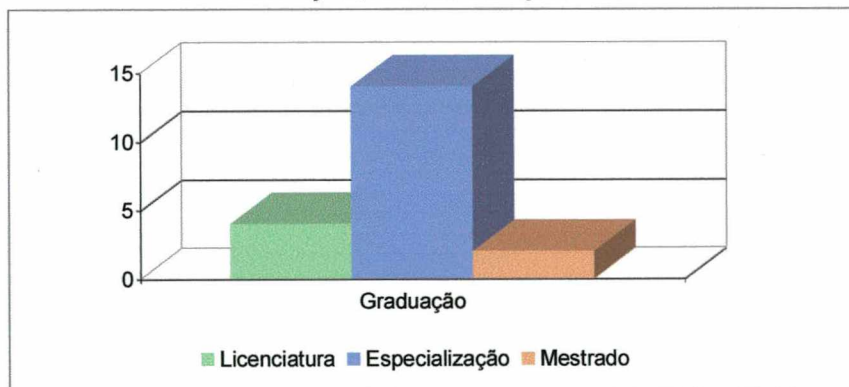
FONTE: Pesquisa de campo

GRÁFICO 5 - TEMPO DE MAGISTÉRIO DOS PROFESSORES PESQUISADOS - 2002



FONTE: Pesquisa de campo

GRÁFICO 1 - NÚMERO DE PROFESSORES PESQUISADOS COM CURSOS DE GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO E MESTRADO - 2002



FONTE: Pesquisa de campo

Questões

1. Quais os valores humanos que você considera importante no exercício de sua profissão?
2. Quais os valores humanos que você considera importante em sua vida pessoal?
3. Quais os valores humanos que você tem procurado desenvolver junto aos seus alunos, na prática pedagógica, tendo em vista prepará-los para o acesso à complexidade da era tecnológica?

VALORES	QUESTÃO 1	QUESTÃO 2	QUESTÃO 3
Afetividade	4	6	-
Altruísmo	4	4	2
Amizade	-	2	-
Amor	6	6	4
Atenção	-	-	2
Autenticidade	-	2	-
Autonomia	2	2	2
Bom Humor	2	-	-
Companheirismo	2	2	2
Compreensão	6	6	2
Comprometimento	-	-	4
Confiança	2	2	2
Criatividade	2	-	-
Dedicação	2	-	2
Desenvolvimento da auto-estima	-	-	1
Dignidade	-	-	1
Disciplina	2	8	8
Educação	-	2	-
Entusiasmo	4	-	4
Esperança	2	2	2
Ética	6	4	2
Honestidade	8	8	4
Incentivo	-	-	2
Inovação	-	-	2
Lealdade	2	2	-
Limites	-	-	2
Moral	2	-	-
Organização	-	6	6
Otimismo	2	-	2
Paciência	6	6	4
Partilha	-	4	-
Percepção	4	-	2
Perseverança	-	4	4
Raciocínio	-	-	2
Respeito	10	10	8
Responsabilidade	4	4	6
Rigor com sensibilidade	1	-	1
Simpatia	-	2	-
Sinceridade	2	2	2
Solidariedade	6	10	4
Transparência	2	-	-
Verdade	2	-	-

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A faixa etária dos professores pesquisados está entre 20 a 60 anos, com maior concentração entre 31 e 50 anos.

A formação profissional dos professores abrange os cursos de Letras (Português/Inglês), Matemática, Biologia, História, Geografia, Teologia e Artes Visuais, sendo que a grande maioria tem curso de especialização (14) e em menor número mestrado (02).

O tempo de serviço na área educacional varia entre 01 a 29 anos. Destes professores, 50% têm entre 10 a 19 anos de trabalho no magistério, 30% entre 01 a 09 anos e 20% entre 20 a 29 anos.

As disciplinas ministradas pelos professores contatados são: Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Inglês, Ensino Religioso, Artes e um professor especialista em História que desempenha funções na Assessoria Pedagógica da escola.

As respostas dadas às questões propostas mostram que dos valores humanos destacados pelos professores, tanto em sua vida pessoal como profissional, os mais importantes são :

Questão 1:

- 1.º Respeito
- 2.º Honestidade
- 3.º Amor, Compreensão, Ética e Solidariedade

Questão 2:

- 1.º Respeito, Solidariedade
- 2.º Disciplina, Honestidade
- 3.º Afetividade, Amor, Companheirismo, Organização, Paciência

Questão 3:

- 1.º Respeito, Disciplina
- 2.º Organização, Responsabilidade
- 3.º Amor, Comprometimento, Entusiasmo, Honestidade, Paciência, Perseverança, Solidariedade.

De acordo com a classificação dos valores humanos do Programa de Educação em Valores Humanos descrita na dissertação, é possível verificar, através dessa sondagem, quais os aspectos da personalidade (intelectual, físico, mental, psíquico ou espiritual) foram privilegiados pelo grupo de professores pesquisado.

- **Aspecto Físico** - ética, disciplina, organização, responsabilidade, perseverança (valores relativos da ação-correta).
- **Aspecto Mental** - paciência (valor relativo da paz).
- **Aspecto Intelectual** - honestidade (valor relativo da verdade).
- **Aspecto Psíquico** - amor (valor absoluto), compreensão, afetividade, companheirismo, entusiasmo (valores relativos do amor).
- **Aspecto Espiritual** - respeito, solidariedade (valores relativos da não-violência).

Os aspectos mais relevantes para o grupo são os aspectos físicos e psíquicos, ou seja, a ação correta e o amor .

O aspecto físico, sendo o veículo da ação, permite a manifestação concreta da consciência e a energia do amor abastece a psique e a alma, que se refletem nos pensamentos, nas palavras e nas ações.

Finalizando, observou-se que o grupo necessita desenvolver os outros aspectos da personalidade (mental, intelectual e espiritual) na busca de sua integridade como indivíduo e, particularmente, como educador, no sentido mais amplo do termo, aquele que é responsável pela formação integral do aluno no âmbito escolar.